



MAPEAMENTO DA CAPOEIRA NO
ESTADO DO TOCANTINS
EXPERIÊNCIA NA REGIÃO SUDESTE

IPHAN

MAPEAMENTO DA CAPOEIRA
NO ESTADO DO TOCANTINS:
EXPERIÊNCIA NA REGIÃO SUDESTE

Presidente da República do Brasil

Jair Messias Bolsonaro

Ministro do Turismo

Gilson Machado Neto

Secretário Especial da Cultura

Mário Luís Frias

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Larissa Peixoto

Diretores do Iphan

Arlindo Pires Lopes

Arthur Lázaro Laudano Brengunci

Leonardo Barreto de Oliveira

Tassos Lycurgo

Superintendente do Iphan no Tocantins

Cejane Pacini Leal Muniz

Chefe do Escritório Técnico de Natividade

Bruna Coelho Alves Meneses

MAPEAMENTO DA
CAPOEIRA NO
ESTADO DO TOCANTINS
EXPERIÊNCIA NA REGIÃO SUDESTE

Organização:
Alessandro Barbosa Lopes
Cejane Pacini Leal Muniz

Palmas - Iphan - 2021

©2021 by Iphan - Superintendência do Tocantins

Mapeamento da capoeira no estado do Tocantins: *experiência na região Sudeste*

Ficha Técnica:

Organização:

Alessandro Barbosa Lopes

Cejane Pacini Leal Muniz

Texto:

Noeci Carvalho Messias

Iconografia:

Caribé

Mapas:

O. S. Santana Sobrinho

Projeto Gráfico:

Nagô Editora

Diagramação e Criação da Capa:

Cleube Alves da Silva

Ilustração da Capa:

Rômulo Macêdo Barreto de Negreiros

Equipe do Mapeamento da Capoeira no Tocantins – 1ª Etapa: Região Sudeste

Coordenadora/Pesquisadora

Noeci Carvalho Messias

Pesquisadores

Orimar Souza Santana Sobrinho

Valdirene Gomes dos Santos de Jesus

Bolsistas

Luiz Carlos de Melo Barbosa

Samuel Antonio Carvalho dos Santos

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Superintendência do Iphan no Tocantins

www.iphan.gov.br

iphan-to@iphan.gov.br

publicacoes@iphan.gov.br

dpi@iphan.gov.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECA ALOÍSIO MAGALHÃES, IPHAN

M297

MAPEAMENTO DA CAPOEIRA NO ESTADO DO TOCANTINS : EXPERIÊNCIA NA REGIÃO SUDESTE / ORGANIZAÇÃO: ALESSANDRO BARBOSA LOPES E CEJANE PACINI LEAL MUNIZ. – DADOS ELETRÔNICOS (1 ARQUIVO PDF). – PALMAS : IPHAN, 2021.

107 p. – (MAPEAMENTO DA CAPOEIRA NO TOCANTINS ; v. 1).

MODO DE ACESSO: [HTTPS://WWW.GOV.BR/IPHAN/PT-BR](https://www.gov.br/iphan/pt-br)

ISBN: 978-65-86514-62-9 - DIGITAL

1. CAPOEIRA. 2. PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. I. LOPES, ALESSANDRO BARBOSA. II. MUNIZ, CEJANE PACINI LEAL.

CDD 398.0981



Sumário

Olhares históricos sobre a capoeira	9
O reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural brasileiro	13
Trajetórias do mapeamento da capoeira no Tocantins	15
Introdução	17
Metodologia de pesquisa	21
O trabalho de campo e a documentação	25
Algumas narrativas da capoeira na região Sudeste do Tocantins	32
A capoeira na região Sudeste do Tocantins: síntese histórica e geográfica ..	39
Os Mestres e os sistemas de graduações na região Sudeste do Tocantins ..	62
Capoeiras praticadas e suas formas de transmissão	72
Musicalidade da capoeira: novos elementos, cantos e toques	76
Eventos que envolvem o bem cultural	82
Espaços sociais ocupados pela prática da capoeira	90
Recomendações para salvaguarda	93
Algumas considerações	95
Fontes orais	97
Referências	102
Biografias	105





Apresentação

A Roda de Capoeira e o Ofício dos Mestres de Capoeira são reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro desde 2008, registrados e inscritos nos livros Formas de Expressão e Saberes, de acordo com o Decreto N° 3.551, de 04 de agosto de 2000. Seis anos após o registro, ocorreu também o reconhecimento pela Unesco da Roda de Capoeira como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. De raiz africana e ligada à história da resistência negra, a capoeira é um dos mais conhecidos símbolos do Brasil, possuindo abrangência nacional e internacional.

Após o registro foi iniciado um processo de mobilização em escala nacional para a salvaguarda da capoeira, através do Grupo de Trabalho Pró-Capoeira, que vigorou até 2012. Logo em seguida, as ações de salvaguarda da capoeira foram capilarizadas para as superintendências estaduais do Iphan, pois entendeu-se que a prática cultural em sua fluidez apresenta especificidades regionais e estaduais. A partir de 2012, a aproximação entre Iphan-TO e capoeiristas foi progressiva, e em 2015 a salvaguarda da capoeira no estado começou a ocorrer de forma estruturada, sendo constituído o Comitê de Salvaguarda da Capoeira no Tocantins, conforme Portaria n° 02/2016, publicada no Diário Oficial da União no dia 04 de março de 2016. O referido comitê, coordenado pela Superintendência do Iphan no Tocantins, foi composto por mestres de capoeira, representantes do Iphan, da Universidade Federal do Tocantins, da Secretaria de Educação do Estado e da Superintendência do Desenvolvimento da Cultura no Tocantins.

A presente publicação surge com o objetivo de dar ampla divulgação sobre a capoeira no estado do Tocantins, especificamente na sua re-



gião sudeste. O material que forma este livro é proveniente da pesquisa de mapeamento da capoeira no estado, em sua primeira etapa, sendo uma das demandas apresentadas pelos detentores como uma das ações prioritárias durante os encontros para a salvaguarda da capoeira no Tocantins. Fruto da parceria entre a Superintendência do Iphan no Tocantins e Universidade Federal do Tocantins, o desafio de mapear a capoeira, seus mestres, grupos e detentores se iniciou em 2017, e pela dimensão do estado e do trabalho, foi dividido em etapas.

A primeira delas, de onde se originou esta publicação, teve como recorte a região sudeste do estado, com 22 municípios. Já a segunda etapa teve como referência a microrregião de Porto Nacional, e passou por 10 municípios. Na terceira etapa as microrregiões de Gurupi e Rio Formoso fizeram parte da pesquisa, somando 25 municípios. A quarta etapa, recém concluída, abrange a microrregião de Miracema do Tocantins e o município de Paraíso do Tocantins. Assim, a partir do mapeamento é possível conhecer a prática cultural e suas especificidades nos contextos locais.

Com o apoio e a colaboração dos capoeiristas, a pesquisa teve até o momento quatro etapas finalizadas, percorrendo 82 dos 139 municípios do Tocantins, ou seja, cerca de 58% dos municípios mapeados. Para as etapas seguintes o objetivo é avançar em direção ao norte do estado, e a pesquisa será concluída na região conhecida como Bico do Papagaio.

Cejane Pacini Leal Muniz
Superintendente Substituta do Iphan no Tocantins.



Olhares históricos sobre a capoeira

*Olhares históricos sobre a capoeira
Aprender capoeira não é aprender a brigar
É aprender a luta de um povo
Que se expressou em movimentos físicos
Pela necessidade de liberdade
A liberdade de ser gente!
Aprender capoeira é, acima de tudo, lutar
Pela liberdade do corpo e do espírito.*

Paulo Cumba.

Existe consenso na literatura recente sobre o alcance têmporo-espaial da capoeira que remonta ao século XVIII e é reconhecida em mais de 150 países. Ademais, são diferentes vertentes desse bem cultural que são ensinadas e cultuadas por mestres, contramestres, mestrandos e professores, compondo assim um imbricado mosaico hierárquico (IPHAN, 2007).

Múltipla em suas dimensões, a capoeira se firma quase sempre por sua face cultural sem perder de vista seus aspectos musicais e rituais fortemente ligada ao esporte, à luta, a dança e à ginástica corporal. A capoeira deixa uma marca indelével devida à capacidade de reunir em seu bojo, a música e os instrumentos que ela pede para sua apresentação; a dança ora rasteira e faceira da Capoeira Angola, ora pujante e ligeira da Capoeira Regional; os golpes vigorosos e cheios de força e o jogo comandado pelas mãos e olhares atentos do outro. Importa destacar que cada vertente, mestre ou grupo sempre acrescenta um elemento que dá enlevo à capoeira.

As origens da capoeira remetem a basicamente três mitos fundadores: A capoeira nasceu na África Central e foi trazi-



da intacta por africanos escravizados. A capoeira é criação de escravos quilombolas no Brasil. A capoeira é criação dos índios, daí a origem do vocábulo que nomeia o jogo (IPHAN, 2014, p. 19).

As hipóteses elencadas acima favoreceram o aparecimento de uma celeuma intelectual sobre a origem da capoeira, sem negar que ela compõe o âmbito da cultura e portanto, é construída a partir de influências que lhe são intrínsecas, podendo ocorrer rupturas e permanências em seu cerne. Outrossim, é inegável a ligação da capoeira com práticas ancestrais africanas, bem como sua gênese eminentemente urbana no contexto do Brasil colônia e até hoje, tendo em vista que as principais cidades portuárias de Recife, Salvador e Rio de Janeiro representam o receptáculo das grandes levadas de homens e mulheres africanos/as escravizados considerados a matriz da capoeira no Brasil.

De início, não se pode dissimular a dificuldade em estabelecer as origens da capoeira nos âmbitos geográfico, cultural e etimológico tendo em vista a diversidade que lhe é visceral. Manifestação marcada pelas culturas locais, no tempo histórico agregou aspectos específicos dos contextos em que se desenvolveu. Portanto, o seu reconhecimento como patrimônio cultural não deve prescindir, dentre outros fatores, do seu perfil eminentemente urbano, em que pese a incipiente literatura que muitas vezes negligencia afirmar que a história da capoeira permeia incólume o passado e o presente.

Diante da amplitude da capoeira como campo de estudo espalhada pelos territórios nacional e internacional, o Iphan publicou em 2007 o *Dossiê: Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil*, e posteriormente, em 2014 o *Dossiê 12: Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira*. Nestes documentos, aborda-se os primeiros registros iconográficos no Território Nacional com destaque para o trabalho do jornalista Nireu Cavalcanti “*Crônicas Históricas do Rio de Janeiro*” publicado em 1789 e que dá conta do histórico processo de formação da repressão à capoeira que culmina com sua criminalização em 1890, no governo do marechal Deodoro da Fonseca.

Por extensão, fica explícita a natureza urbana da capoeira consi-



derando os estudos de Carlos Eugênio Líbano Soares que contemplam a cidade do Rio de Janeiro do século XIX. O período analisado cobre os anos de 1808 a 1890:

Essa trajetória que se inicia com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, alcança o fim da Monarquia, a instauração da República e termina no ano em que a capoeira foi criminalizada e a maioria dos seus praticantes na capital desterrada para a ilha de Fernando de Noronha. (IPHAN, 2014, p. 23).

Ancorado nas afirmações de Luís Sérgio Dias (IPHAN, 2007, p. 23-25), importa lembrar que no Rio de Janeiro a capoeira foi duramente perseguida, seus praticantes eram conhecidos por desafiarem a ordem policial com provocações pejorativas à população, “provocarem brigas e correrias, marcadas por cabeçadas, rasteiras e navalhadas”. As relações entre os capoeiras se davam no “cotidiano da escravidão urbana, dividida entre a casa do senhor e a rua,” espaços onde os escravizados executavam tarefas domésticas e trabalhavam no comércio local, sendo este muitas vezes o motivo das disputas territoriais.

Na Bahia, a capoeira aparece de maneira mais ordenada, nos estudos e na documentação do período de 1890 a 1930. Neste sentido,

Até pouco tempo, as únicas fontes históricas sobre a capoeira baiana no século XIX eram as crônicas escritas por Manuel Querino e Antônio Vianna, relatos de viajantes estrangeiros, algumas poucas notícias de jornal, a tradição oral e a gravura *San Salvador*, de Rugendas. (IPHAN, 2014, p. 28)

Os documentos referenciados afirmam que ao contrário da capoeira do Rio de Janeiro, que possui uma grande documentação referente a este período e que já foi bastante estudada, o universo da “capoeiragem da Bahia no século XIX” é permeado de mitos, fantasias, muitas suposições e alguns documentos. Mesmo assim, aos poucos, vai sendo construído “o mosaico de peças que compõe a capoeira baiana do tempo dos escravos”. (IPHAN, 2014, p. 29).

Quando se trata de caracterizar a capoeira em Recife, os estudos mostram que a capoeira pernambucana também sofreu forte repressão,



defrontando-se com o estigma do crime e da marginalidade. Por outro lado, “os capoeiras recifenses” também estiveram envolvidos no processo de descaracterização da capoeira nos eventos de “capangagem eleitoral e na proteção de figuras políticas”, bem como na constituição da Guarda Negra e nos eventos da campanha do Paraguai. No que se refere ao carnaval, existem fortes relações com a história da capoeira no Rio de Janeiro, pois se a ginga dos capoeiristas influenciou o carnaval carioca, por meio da dança do mestre-sala e porta-bandeira, no carnaval de Pernambuco, sua presença é ainda mais “ostensiva”, já que os capoeiras foram os “criadores” do passo do frevo no carnaval (IPHAN, 2014, p. 39-40).

A capoeira, que desde o período do regime escravocrata, havia sido reprimida, enquanto manifestação afro-brasileira, sendo associada a prática de marginais e vagabundos, foi promovida, a partir dos anos de 1930. Essa representação otimista do Brasil evidenciou-se de modo mais significativo no final do século XIX, quando o negro foi incorporado como formador da identidade nacional brasileira (ORTIZ, 1985).

De acordo com Fico (1997), as obras clássicas deste período otimista, que influenciaram na concepção de uma identidade brasileira são: *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Jr. (1933), *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire (1933) e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1936).

É naquele contexto, dos anos de 1930, que a capoeira, anteriormente rejeitada e marginalizada como práticas de negros será incorporada pelo Estado como esporte, como algo saudável, educativo e símbolo da identidade brasileira.

Hoje, a capoeira é praticada em diversas partes do mundo e em todo o território brasileiro, e das mais variadas formas.



O reconhecimento da capoeira como patrimônio cultural brasileiro

A partir dos conhecimentos produzidos, com base nos estudos desenvolvidos, nos estados da Bahia, de Pernambuco e do Rio de Janeiro, a capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro e registrada como Bem Cultural de Natureza Imaterial, em 2008. Sendo o Ofício dos Mestres de Capoeira, inscrito no Livro dos Saberes e a Roda de Capoeira, inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão.

Em 2014, a Roda de Capoeira foi inscrita na Lista do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco). Trata-se de um reconhecimento importantíssimo que atesta a capilaridade da capoeira enquanto manifestação amplamente difundida pelos brasileiros em diversos países e a sua aceitação internacional.

Por se tratar de uma manifestação cultural recorrente em todo território brasileiro, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), tem buscado, por meio das Superintendências do Iphan nos estados, ampliar as ações de mapeamento e pesquisa histórica e etnográfica dos mestres, grupos e praticantes de capoeira para subsidiar a elaboração e execução do plano de salvaguarda dessa importante expressão cultural brasileira.





Trajetórias do mapeamento da capoeira no Tocantins

Em 2015 foi realizado, pela Superintendência do Iphan no Tocantins, o primeiro levantamento, com visitas pontuais em 19 municípios do estado, revelando realidades e demandas diversas da capoeira. Os resultados desse levantamento foram apresentados no I Encontro para a Salvaguarda da Capoeira no Tocantins, ocorrido no dia 14 de novembro de 2015, no auditório Cuíca, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), em Palmas. O evento foi realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em parceria com a Universidade Federal do Tocantins (UFT) e a Secretaria de Estado e Cultura (Secult), e contou com a participação de mestres, contramestres, professores, instrutores, pesquisadores da UFT e gestores da Secult.

O I Encontro para a Salvaguarda da Capoeira no Tocantins trouxe novos horizontes para esta prática cultural. Destarte, as reflexões sobre ações e diretrizes para a Salvaguarda da Capoeira no Tocantins ganharam formas. Naquela ocasião, dentre as ações prioritárias almejadas pelos capoeiristas estava a realização do Mapeamento da Capoeira no Estado do Tocantins, com vista a aprofundar o levantamento realizado pela Superintendência do Iphan no Tocantins. Também, naquele contexto, foram eleitos os representantes dos capoeiristas para a participação no Comitê Gestor da Salvaguarda da Capoeira no Tocantins, instituído, posteriormente, por meio da Portaria nº 2 de 09 de fevereiro de 2016, no qual a UFT teve sua participação assegurada.

Em razão da dotação orçamentária foi decidido que o mapeamento seria realizado em etapas. Dessa maneira, no período de 2017 a 2018, em conformidade com a demanda apresentada pelos capoeiristas realizou-se



a I Etapa do Mapeamento da Capoeira no Tocantins pela região Sudeste, contemplando 22 municípios.

O Mapeamento da Capoeira é de suma relevância para o entendimento do desenvolvimento dessa prática cultural e suas particularidades regionais, algumas já identificadas em alguns municípios do Tocantins, no primeiro levantamento, anteriormente mencionado.



Introdução

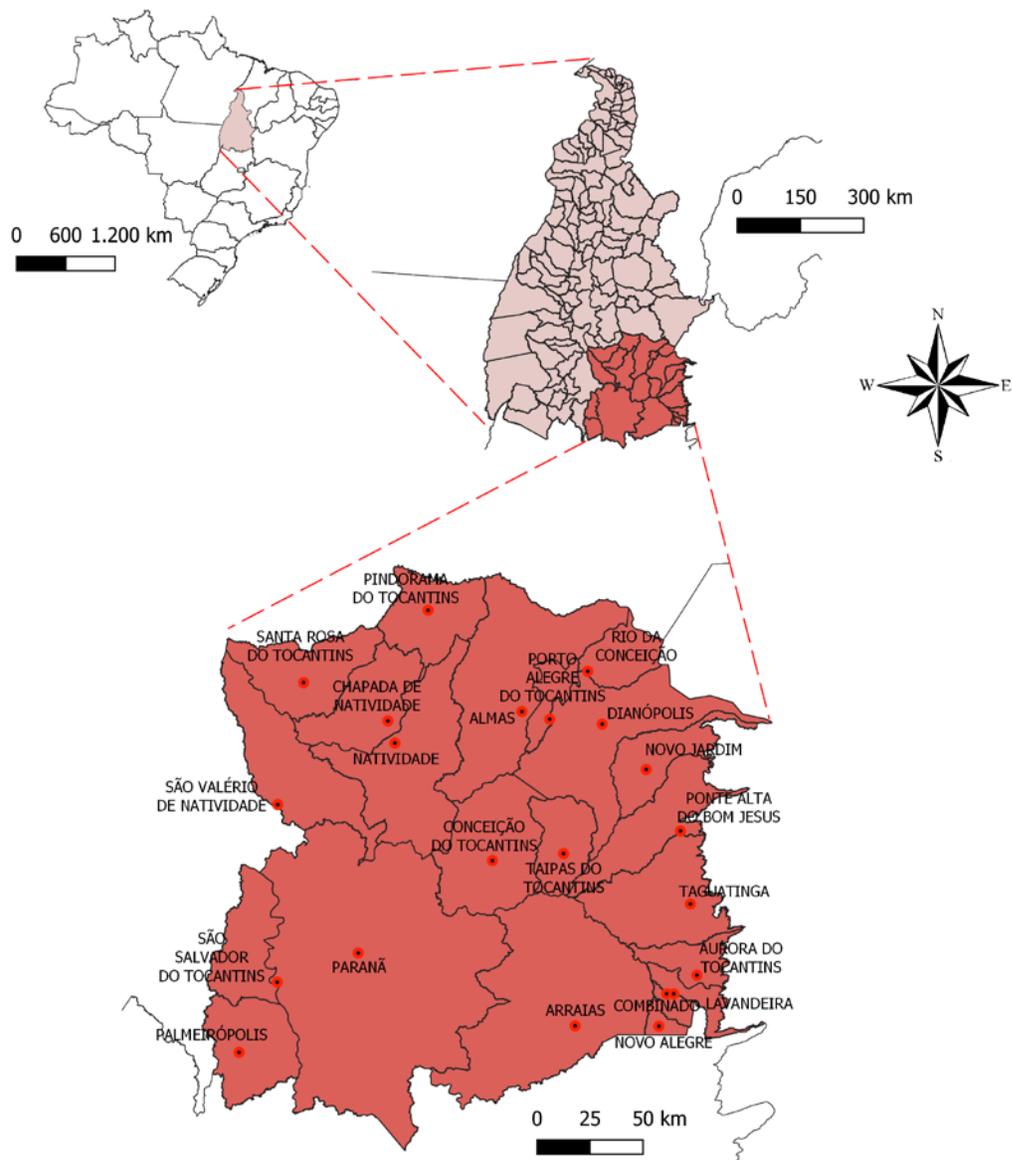
Em 2017, a Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no Estado do Tocantins disponibilizou dotação orçamentária para a realização do Mapeamento da Capoeira do Estado do Tocantins. Diante dos cortes orçamentários, foi deliberado que a ação seria realizada em etapas, obedecendo as regionais referendadas na Portaria nº 2 de 09 de fevereiro de 2016, sendo a primeira na Região Sudeste do Tocantins.

Com vistas a incentivar o desenvolvimento de pesquisas no campo do patrimônio cultural e considerando a participação da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no Comitê de Salvaguarda da Capoeira, o Iphan no Tocantins repassou o recurso orçamentário por meio de Termo de Execução Descentralizada (TED) para a referida IES para realizar a pesquisa.

No que concerne ao recorte espacial da pesquisa, a Portaria nº 2 de 09 de fevereiro de 2016, referendou três regiões do estado do Tocantins: norte, centro-sul e sudeste. Neste documento a *Região Sudeste do Tocantins* abrange vinte municípios quais são: Almas; Arraias; Aurora do Tocantins; Chapada da Natividade; Combinado; Conceição do Tocantins; Dianópolis; Lavandeira; Natividade; Novo Alegre; Novo Jardim; Paranã; Pindorama do Tocantins; Ponte Alta do Bom Jesus; Porto Alegre do Tocantins; Rio da Conceição; Santa Rosa do Tocantins; São Valério da Natividade; Taguatinga; Taipas do Tocantins.

Todavia, a equipe de pesquisadores optou por acrescentar os municípios de São Salvador e Palmeirópolis. A decisão pela ampliação do recorte espacial da primeira etapa da pesquisa se deu em razão do sentimento de pertencimento, observado *in loco* durante os trabalhos de campo realizados

Mapa 1: Municípios da Região Sudeste



DATUM: SIRGAS 2000.

Fonte: IBGE 2020.

Elaborado por LIMA, Pablo A. P., 2021.

Adaptado de SANTANA SOBRINHO, O. S., 2018.



na cidade de Palmeirópolis. Naquela ocasião, observou-se ser recorrentes nas narrativas dos capoeiristas e agentes locais, a proximidade geográfica que fortalece as relações socioculturais, bem como o entendimento de pertença a região sudeste. Dessa maneira, os pesquisadores elaboraram um recorte espacial próprio, com 22 municípios, cujo documento cartográfico (Mapa 1) pode ser verificado na página anterior.

A Região Sudeste do estado do Tocantins limita-se ao Sul com o estado de Goiás, ao Norte com as Microrregiões do Jalapão e de Porto Nacional, a Leste com o estado da Bahia e a Oeste com a Microrregião de Gurupi. O relevo movimentado de pontos geográficos das porções Sudeste/Leste da região são desdobramentos da Serra Geral que no município de Arraias alcançam mais de 680 m de altitude.

A literatura afirma que o processo de ocupação e povoamento do Tocantins antecede a exploração aurífera do Século XVIII, pois no ano de 1644 Bartolomeu Barreiros de Ataíde saiu de Belém e subiu o Rio Tocantins até encontrar o Rio Araguaia e os povos indígenas Karajá. Esta é considerada a primeira viagem pelo Rio Tocantins em busca da expansão da pecuária na região chamada “Sertão das Terras Novas”, na confluência dos Rios Paranã e Palma a Oeste de Arraias (TEIXEIRA, 2009. p. 35).

Portanto, a pecuária antecedeu a mineração, mas a grande expansão do povoamento dos luso-brasileiros na região só se deu com a exploração aurífera no século XVIII que também originou os primeiros núcleos urbanos como Arraias, Paranã e Natividade.

A pesquisa teve como objetivos prioritários produzir conhecimento histórico da capoeira, seus mestres, grupos e praticantes existentes na Região Sudeste do estado do Tocantins; levantar a documentação histórica a respeito da capoeira no estado do Tocantins, incluindo acervos públicos e particulares; fazer o mapeamento dos mestres, grupos, praticantes e investigadores da capoeira na referida região, com intuito de auxiliar as ações da salvaguarda; e produzir um banco de dados digital acerca do bem cultural em questão para facilitar o acesso e disponibilizá-lo para os detentores e futuras gerações. (Iphan, 2018).

A pesquisa do mapeamento na Região Sudeste do Tocantins iden-



tificou 46 (quarenta e seis) detentores com graduações na categoria adulta acima de Graduado¹ desenvolvendo atividades/trabalho com a capoeira. Dos 22 municípios, da região, somente 3 (Combinado, Porto Alegre e São Valério) não possuíam praticantes de capoeira atuando no momento da pesquisa.

Destaca-se que a capoeira na Região Sudeste, ao longo dos anos vem sendo realizada de forma bem diversificada, por meio de projetos e/ou ações, de forma individual e coletiva, quer sejam vinculados ao poder público (municipal, estadual ou federal), quer seja por iniciativa própria de forma voluntária.

Para construir o quadro de análise sobre a capoeira na Região Sudeste do Tocantins, trabalhamos com a diminuta literatura existente e o trabalho de campo, com as informações e as entrevistas dos capoeiristas que tiveram um lugar especial. A participação em eventos promovidos e organizados pelos Grupos de Capoeira, como as formaturas, batizados e troca de cordas foram de suma relevância, posto que possibilitou, a nós pesquisadores, estabelecer uma relação dialógica com diversos capoeiristas contribuindo para construirmos uma análise desse bem cultural.

O planejamento das ações pautou-se nas orientações contidas no Termo de Execução Descentralizada (TED), referente a I Etapa do Mapeamento da Capoeira no Estado do Tocantins - Região Sudeste; considerando para isso os produtos e especificações que a equipe de pesquisadores deveria apresentar ao Iphan.

1 Ressalta-se que há nos Grupos de Capoeira identificados um número significativo de capoeiristas, nas categorias infantil e adulta (aluno iniciante), que não foram computados nesta pesquisa, posto que, para isto, seria necessária uma pesquisa muito mais prolongada.



Metodologia de pesquisa

A seleção da equipe de pesquisadores foi feita pela análise do currículo *lattes*, composta por três professores pesquisadores da UFT, sendo duas com formação na área de História e um da área de Geografia, além de três estudantes bolsistas dos Cursos de História e Turismo Patrimonial e Socioambiental, que auxiliaram os pesquisadores nas atividades de campo e na sistematização dos dados coletados. Salienta-se que a coordenadora da pesquisa com experiência em realização de pesquisa de inventários no campo do patrimônio cultural imaterial e era membro do Comitê Gestor da Salvaguarda da Capoeira no Tocantins (Iphan, 2018). E a seleção dos bolsistas se deu por meio da elaboração e publicação dos editais (de abertura², de homologação da seleção³ e de resultado final⁴), análise da documentação, entrevistas e assinatura do termo de compromisso.

A metodologia utilizada teve como referência as experiências do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) conduzidas em várias regionais do Iphan, prevendo esta metodologia as etapas de levantamento preliminar, identificação e documentação (Iphan, 2000). Também os Inventários Participativos serviram de subsídios metodológicos para proceder ao mapeamento (Iphan, 2016).

Para tanto, foi readequado o instrumental metodológico considerando o formato e a disposição dos formulários de preenchimento dos dados pesquisados. Foram utilizadas uma ficha para contato, uma ficha para identificação de localidade (que corresponde a ficha de território), uma ficha de roteiro de entrevista e quatro fichas para fontes de pesquisas

2 Edital 004 de 15 de setembro de 2017/UFT.

3 Edital 005 de 25 de setembro de 2017/UFT.

4 Edital 006 de 27 de setembro de 2017/UFT.



(referências bibliográficas, audiovisuais, impressos, cartazes e relatórios). As informações que seriam incluídas nas fichas de categoria do bem cultural foram sistematizadas após as atividades de campo a partir das fichas de localidade e do roteiro de entrevistas, que foram construídas para abranger estas categorias. Esta readequação tornou o campo e a sistematização dos dados mais dinâmica e eficiente, uma vez que foi reduzido o número de fichas a serem preenchidas pela equipe. A ficha para identificação de localidade permitiu uma discussão mais sistemática que, além das informações obtidas no trabalho de campo, nos possibilitou redigir um texto contendo informações de fontes documentais, orais e bibliográficas sobre o bem cultural (MESSIAS e OUTROS, 2018).

Há que se destacar a importante contribuição do trabalho de levantamento preliminar da capoeira realizado pela Superintendência do Iphan no Tocantins no ano de 2015; ocasião em que foram realizadas visitas em algumas cidades do Estado, visando à identificação dos Grupos e dos Mestres de Capoeira. Dessa maneira, as informações obtidas, naquela ocasião, foram de grande valia, posto que possibilitou ampliarmos a pesquisa, na Região Sudeste do Tocantins. Assim, a partir da lista de capoeiristas disponibilizada pelo Iphan-TO, estabelecemos os primeiros contatos, com os detentores, via telefone, via aplicativo de mensagens e pessoalmente para falar do mapeamento e, simultaneamente, fomos identificando outros praticantes da capoeira.

O levantamento preliminar desenvolvido com base nas orientações pressupostas em metodologias de ferramentas já existentes no Iphan, como o INRC e o Inventário Participativo, teve como princípio básico o contato direto com os capoeiristas, observação participante, entrevistas e registros em áudio e vídeo. Para identificação dos sujeitos da pesquisa, a equipe fez os seguintes procedimentos: a) Estabelecimento pela equipe dos primeiros contatos, via telefone e via aplicativo de mensagens, para falar do mapeamento, e simultaneamente, identificando outros praticantes da capoeira, tendo como referência a lista de capoeirista disponibilizada pelo Iphan-TO; b) Levantamento via telefone e pessoalmente junto à Secretaria Estadual de Educação (Seduc), Diretorias Regionais de Educa-



ção, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Secretarias Municipais de Educação (Semed) e Escolas dos Municípios da Região Sudeste que desenvolviam ou haviam desenvolvido atividades ou projetos com a capoeira e o nome dos capoeiristas; e c) Levantamento das produções teóricas junto às bibliotecas das Instituições de Ensino Superior (UFT, Unitins, Ulbra, IFTO, Católica) e de bibliotecas públicas. Após esta etapa de identificação foi feita a visita *in loco*, tendo como referência a utilização da técnica de bola de neve (MESSIAS e OUTROS, 2018).

A técnica da bola de neve permitiu que o sujeito da pesquisa indicasse novos sujeitos, isto é, ao chegar ao primeiro município para entrevistar o capoeirista, ele indicava outro capoeirista, e assim sucessivamente, até que os nomes comesçassem a ser repetidos. Segundo Juliano Vinuto, essa amostragem apresenta três objetivos principais

[...] desejo de melhor compreensão sobre um tema, testar a viabilidade de realização de um estudo mais amplo e desenvolver os métodos a serem empregados em todos os estudos ou fases subsequentes (VINUTO, 2014, p. 203).

Orientados por esta técnica de pesquisa, a equipe de pesquisadores deparou-se com um desafio complexo, qual seja, tecer o mapa da capoeira da Região Sudeste do Tocantins. Metaforicamente falando, os retalhos coletados em cada município possibilitaram tecer uma colcha de retalhos, colorida e diversa a respeito da capoeira, sempre numa perspectiva de espiral ascendente que se retroalimenta. Nesse movimento, em espiral as ações foram constantemente avaliadas (BARBIER, 2007). Exemplo disso, foi que após a primeira viagem de campo fez-se necessário reformular o planejamento, já permeado, com novas nuances, variações e significados das reflexões feitas sobre a primeira fase.

Um dos aspectos fundamentais, que, também, possibilitou a identificação dos capoeiristas, bem como a coleta de dados e informações foi a participação dos pesquisadores em quatro eventos de capoeira realizados na ocasião dos trabalhos de campo, quais sejam: dias 27 e 28 de outubro, em Palmeirópolis, organizado pelo Grupo Capoeira Nagô; dia 12 de novembro, em Ponte Alta do Bom Jesus, organizado pelo Grupo de Capoeira



eira Santa Geração; dias 17, 18 e 19 de novembro, em Arraias, organizado pela Associação Cultural de Capoeira Chapada dos Negros e dias 18 e 19 de novembro, em Porto Nacional, organizado pela Associação de Capoeira e Cultura Raízes.

As bases cartográficas digitais foram selecionadas na página do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no formato “*shapefile*”, que recomenda considerar a atualização recente do sistema de coordenadas geográficas para Sistema de Referência Geocêntrico para las Américas (SIRGAS) e o *DATUM SIRGAS 2000*. De posse das bases digitais, o software *ArcGIS* nas versões 10.3 e 10.5 foram utilizadas em separado ou simultaneamente, para elaborar o recorte espacial considerado nesta pesquisa.



O trabalho de campo e a documentação

Na perspectiva de conhecer os diversificados processos festivos e simbólicos da capoeira na Região Sudeste do Tocantins, foi feito o trabalho de campo nos 22 municípios, na extensa área territorial da região, especialmente, na ocasião dos eventos da capoeira. Na ocasião, nós pesquisadores documentamos com fotografias, filmagens, entrevistamos os mestres, contramestres, participantes, organizadores, entre outros e ouvimos muitas histórias interessantes.

A hipótese inicial era que poucos municípios, da região sudeste, possuíam a prática da capoeira. Todavia, a pesquisa de campo, orientada pela técnica da bola de neve, expandiu exponencialmente os dados e informações, revelando uma diversidade de contextos e particularidades locais, em quase todos os municípios. E assim, com o tempo reduzido para realizar a pesquisa e o grande volume de informações encontradas para serem sistematizadas e entregues nos prazos estabelecidos, gerou muito *stress* e sobrecarga nos pesquisadores, posto que não se furtaram de conseguir o máximo de informações e registros dos detentores. (MESSIAS e OUTROS, 2018).

A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas, com ficha de contato e roteiro de entrevistas. Localizamos, contactamos e fizemos as entrevistas com os mestres, contramestres, professores, instrutores, entre outros detentores do bem cultural. Para a coleta de depoimentos optamos metodologicamente pela abordagem da História Oral. Segundo Meihy (2007, p. 54) a História Oral trabalha com a permanência dos mitos e com a visão de mundo de comunidades que tem valores filtrados por estruturas mentais asseguradas em referências do passado remoto.



Um dos aspectos interessantes, que a pesquisa revelou foi a diversidade de contextos e particularidades locais referentes ao bem cultural. Para se ter uma ideia, no princípio da pesquisa, tinha-se conhecimento de um número reduzido de praticantes, em alguns municípios da Região Sudeste. Todavia, durante o trabalho de campo, com o estabelecimento dos contatos, a realização das entrevistas e a participação dos pesquisadores nos eventos, bem como a utilização da técnica da bola de neve em que os capoeiristas vão indicando outro/s capoeirista/s, e assim sucessivamente alargou-se a quantidade de detentores identificados. Conforme já mencionado, dos 22 municípios da região, somente três não possuíam praticantes de capoeira atuando na ocasião da pesquisa. Todavia, destaca-se que os três municípios, Combinado, Porto Alegre e São Valério da Natividade, em tempos pretéritos, já tiveram trabalhos realizados com a capoeira. Inclusive foram feitas fichas de contato dos ex-capoeiristas destes locais que foram contactados e também entrevista/audio/transcrição, a exemplo da entrevista que foi feita com Márcio Rodrigues dos Santos, apelidado de Instrutor Peterpan, da cidade de São Valério da Natividade. Embora o mesmo não estivesse praticando a capoeira; optamos em realizar a entrevista e disponibilizá-la ao Iphan, posto que consideramos as informações concedidas relevantes para a compreensão da negligência dos gestores públicos do referido município para com a capoeira.

No que refere-se a pesquisa documental identificamos dois acervos de relevância: Centro de Arte Cultural do Mestre Geléia, em Dianópolis e a Associação Cultural Chapada dos Negros, do Mestre Fumaça, em Arraias. Todavia, tais acervos documentais encontram-se em frágil estado de conservação, devido a dificuldade dos detentores em fazer a manutenção destes espaços de memória e destas significativas fontes históricas.

O Centro de Arte Cultural Mestre Geléia é um espaço particular construído na residência do Mestre Geléia, na cidade de Dianópolis. Além do acervo documental, neste espaço funciona a academia para realização das aulas de capoeira; com as paredes decoradas com fotos de capoeiristas e dos mestres consagrados, como Pastinha e Bimba, estante com CDs, além de berimbaus dependurados e cartazes de eventos. Na parte superior do prédio há uma sala com as paredes decoradas com objetos e imagens



da capoeira, armários com arquivos de livros, documentos, CDs, fitas cassetes, disco de vinil e outros instrumentos que envolvem a capoeira. Conforme pode ser observado nas fotos 01 e 02.

O acervo pessoal do Mestre Geléia possui diversificados documentos iconográficos, sonoros, visuais ou audiovisuais e escritos sobre a capoeira, especialmente registros sobre a capoeira no Sudeste do Tocantins. O acervo não está acondicionado, conforme as normas técnicas de conservação e sua manutenção e preservação se encontra em risco de perda. Para além desse aspecto, o Mestre Geléia informou-nos, naquela ocasião, que estaria prestes a se aposentar e pretendia retornar ao seu estado de origem, Pernambuco e ainda não sabia qual seria o destino do rico acervo.

Fotos 01: Centro de Arte e Cultura Mestre Geléia.



Fonte: Resultados da Pesquisa I Etapa -
Mapeamento da Capoeira no Tocantins -
Região Sudeste.
Fotografia 1 e 2 de: JESUS, Valdirene |
nov./2001.

CENTRO CULTURAL

CAPOEIRA - DANÇAS - CANTO CORAL
TECLADO - VIOLÃO - SAX - FLAUTA
TEORIA MUSICAL - VINIL - FILMES - GIBI

(63)9284-1344 / 9215-6213

ESCOLA DE MÚSICA

Fotos 01: Centro de
Arte e Cultura Mestre
Geléia.

Fotos 03 e 04:
Acervo
Documental da
Associação Cultural
Chapada dos
Negros.



Fonte: Resultados da Pesquisa I Etapa - Mapeamento da Capoeira no Tocantins –
Região Sudeste. Foto: JESUS, Valdirene | Jan./2018.



O acervo da Associação Chapada dos Negros, na ocasião da pesquisa, estava armazenado em dois espaços distintos: no Ponto de Cultura e na residência do Mestre Fumaça. O prédio do espaço do Ponto de Cultura apresentava infiltrações, umidade e o acervo encontrava-se disposto nos vários espaços desse prédio, sendo que o acondicionamento não estava de acordo com as normas de preservação de acervos documentais, comprometendo a vida útil dos documentos. Não muito diferente, os documentos que estavam na residência do Mestre Fumaça, encontravam-se empilhados dentro de caixotes (Fotos 03 e 04), de forma improvisada e mal acondicionados. Conforme pode ser observado nas imagens, os documentos, CDs, fitas cassetes, vídeos e outros não estavam catalogados e nem organizados conforme as técnicas de arquivos e conservação de documentos.

Outros capoeiristas armazenam os documentos, especialmente fotografias, em redes sociais na *internet*.

Além da fragilidade na guarda e preservação dos acervos documentais, outro desafio para a realização do mapeamento da capoeira no Tocantins foi a negação das informações por parte de alguns capoeiristas. Salvo algumas exceções, muitos capoeiristas dificultavam a realização das entrevistas, sendo necessárias inúmeras tentativas para conseguir agendá-las. Outros capoeiristas alegavam que não iriam “ganhar nada com esse mapeamento”, inclusive, instigando outros detentores a não colaborar com a pesquisa. Tudo isso ainda se tornou mais agravante e desafiador devido ao curto tempo para nós pesquisadores procedermos ao mapeamento.

No que concerne à produção teórica, poucas são as obras, identificadas, que tratam da capoeira na Região Sudeste do estado do Tocantins. Tivemos como fonte de pesquisa o Banco de Dados as Bibliotecas dos Câmpus de Arraias, de Porto Nacional e de Palmas, da UFT, a Biblioteca do Centro Universitário Luterano de Palmas (Ceulp/Ulbra) e a Biblioteca da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins), em Palmas.

Nos acervos pesquisados das Bibliotecas dos Câmpus de Arraias e Porto Nacional, da UFT, fizemos a opção pelo conjunto de monografias publicadas nos cursos de Pedagogia e Geografia, no período de 2005 a



2016, visando identificar a produção teórica existente acerca da temática relativa à capoeira.

Na produção teórica analisada identificamos um número de nove documentos, sendo sete monografias do Curso de Pedagogia e uma do Curso de Geografia que fazem referência direta ou indireta a temática da capoeira.

A produção teórica revela considerável diversidade de abordagens sobre a capoeira, destacando os elementos de resistência cultural e de afirmação da identidade negra para alguns trabalhos e para outros, aparece como instrumento de inclusão social por meio de ações socioeducativas ou como ferramenta para construção de práticas pedagógicas afirmativas no processo de ensino e aprendizagem.

Também, na biblioteca do Câmpus de Arraias identificamos uma dissertação de mestrado intitulada *Nas palmas da capoeira: resistência cultural pela Chapada dos Negros em Arraias/TO*, da autora capoeirista Silvia Adriane T. de Moura, foi transformada em livro, em 2017. Em seu trabalho, a autora aborda a trajetória histórica do grupo de capoeira Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN) da cidade de Arraias.

Assim, amparados nas narrativas dos capoeiristas, apresentamos aqui nesta publicação as narrativas e conjunturas culturais e sociais identificadas que revelam as raízes da capoeira na região e seu histórico de resistência. Outrossim, reafirmamos a necessidade de uma pesquisa histórica e documental mais aprofundada, exemplo disso é que as análises sobre os mitos de origem da capoeira na região têm dificuldades para precisar autoria, data e local.



Algumas narrativas da capoeira na região Sudeste do Tocantins

As entrevistas e os documentos dos arquivos pessoais de alguns capoeiristas evidenciaram a presença da capoeira, na Região Sudeste, a partir da década de 1980. O Mestre Géléia destaca que em diálogo com mestre Tambor esse fez referência da presença do Mestre Caramuru – vindo de Terezina (PI) –, no início da década de 1980. Ouvimos outros comentários sobre a passagem de capoeiristas na região por volta da década de 1970, entretanto não conseguimos identificar/contactar pessoas e/ou localizar registros que certificasse estes relatos. Ressaltamos que estes e outros fragmentos de memórias são relevantes e indicativos que reforçam a necessidade de uma investigação histórica e documental mais aprofundada, na perspectiva de melhor elucidar tais fatos, bem como identificar os detentores do saber de outrora e, assim, (re)construir, com maior precisão, a história da capoeira na região.

Há que se destacar que a região que hoje compreende o estado Tocantins, foi outrora rota do ciclo do ouro, no século XVIII, utilizando-se da mão de obra escravizada nos antigos arraiais mineratórios de Arraias, Natividade, Paranã, entre outros. Assim, a nossa hipótese é que a capoeira enquanto manifestação da cultura afrodescendente, símbolo de resistência e afirmação da identidade afro-brasileira, tenha sido desenvolvida pelos descendentes de africanos escravizados, nos antigos arraiais mineratórios da Região Sudeste do estado Tocantins. Esta hipótese é também corroborada por alguns capoeiristas que destacaram que é preciso investigar minuciosamente os documentos históricos, pois há muitos quilombos na região e certamente há registros mais remotos da presença da capoeira nessas localidades.



Durante a pesquisa de campo nas cidades de Conceição do Tocantins, Natividade e Arraias, ouvimos algumas histórias se referindo aos “bravos” e “valentões” que se apresentavam nas praças, nos pousos de folias, ou que se envolviam em balbúrdias, em festas e bailes. Tais histórias, também, são pistas que nos indicam a necessidade de uma investigação mais apurada sobre a presença da capoeira na Região Sudeste em tempos mais remotos, que não foi possível realizar nesse mapeamento.

O Mestre Geléia relatou alguns acontecimentos envolvendo “os valentões”, os quais utilizavam-se das pernadas, cambotas, rasteiras e ponto de facão, conforme podemos observar nos trechos a seguir:

Quando eu cheguei em Dianópolis, antes de nós termos o trabalho lá, passou um camarada lá chamado por Berimbau. Um cara arruaceiro. Isso aí foi já em 1985, 1986. Quando eu fui pesquisar sobre Berimbau lá com delegado, que é o tenente Pedro Gomes lá, da polícia que era o delegado, ele quase me batia dizendo: 'não quero falar daquele malandro não!'. Depois fiquei sabendo que o Berimbau era muito arruaceiro e pegou ele deu uma peia, então os caras não gostam de falar muito não [...] (SILVA, 2017).

Mestre Fumaça, também trouxe alguns relatos sobre os chamados “valentões”, nos pousos de folia:

[...] Seu Lindolfo, conhece ele. Pode chegar lá e perguntar pra ele "seu Jú, me fala alguma coisa sobre um senhor chamado Tiatoninho e Francisquinho, era os dois, os dois faziam nos pousos de folia, no sertão, eles faziam ponto de facão, que era facãozada, ele tentava te atingir com o facão, era um facão só, tentava com o facão e ele defendia, saía fogo, em baixo, em cima, sabe? Que eles fazia e salto, ele botava 10 cavalo assim e saltava os 10, era a apresentação toda vez antes da folia. Se ele estava na folia e botasse a mão nele aqui, ele pulava lá atrás, era um velhinho pequeninho, baixinho, falador. Então era um capoeirista, só que era um capoeirista diferenciado. Naquele tempo, você perguntava essas pessoas 'você faz Capoeira?', 'não', nenhum antigo para você falava que fazia capoeira porque era proibido, não podia falar que era capoeirista, capoei-



rista tinha que disfarçar de outra coisa, não podia nem fazer exercício de agilidade nenhuma. [...] (MOURA, 2018).

Em Conceição do Tocantins, identificamos o senhor chamado Arlindo Ferreira de Aquino, que outrora tinha sido jogador de cambota. Na ocasião ele rememorou fragmentos desse passado em que jogava rasteira, juntamente com outros companheiros:

[...] a gente tirava o sábado só para lutar, ia para beiras dos rios e lutava, jogava bola e depois lutava [...]. O pai dele era chamado Francisco, mas tratavam ele como Negão. Ele era considerado um ótimo capoeirista, conhecido em toda região de Taguatinga, Conceição, Natividade e Arraias, trabalhava na região nas fazendas, vivia no trecho, [...] Seu Alexandre (Moreno) que ainda é vivo em Conceição sabe contar um pouco dessa história [...]. Eu só jogava quando tinha precisão, quando estava enraivado jogava rasteira. Só jogava quando estava com raiva, juntava uns dois ou três e ele era perigoso, ninguém pegava [...]. Quando havia entreveiro ele saía na capoeira e aprendeu astuciando [...]. O pai dele veio do Piauí. Não tinha ninguém ensinando, aprendia olhando, [...] hoje tenho 74 não dou mais pra nada (AQUINO, 2017).

Webson de Melo Teles, Secretário de Esporte e Juventude da cidade de Conceição do Tocantins, atesta que o senhor Arlindo Ferreira de Aquino, foi um jogador de cambota:

[...] as pessoas contavam as histórias de seu Arlindo, e depois surgiram outros como Funaro (nego Elton) e Quebra-queixo (Vendedor ambulante de quebra-queixo que andava na região) que quando se encontravam tiravam racha na praça. Seu Arlindo era desse grupo [...] (TELES, 2017).

Na cidade de Arraias o Mestre Fumaça afirmou ser ele próprio o primeiro a iniciar o trabalho com capoeira, a partir de meados da década de 1980. E, posteriormente, em outras cidades circunvizinhas, como: Campos Belos, Paranã, Novo Alegre, Aurora e Taguatinga.

O Professor Bolim, do Grupo Miscigenação destacou que aos 10 anos de idade teve contato com a capoeira, em Taguatinga, por intermédio do Mestre Fumaça:



[...] Eu pratico capoeira desde 90, que eu pratico capoeira [...]. Comecei com o Mestre Fumaça da Chapada dos Negros de Arraias e o contramestre Cachorrão e Professor Salário e Professor Rodrigo. Eles que trouxe a cultura da capoeira, foi através deles que veio para Taguatinga [...] (FRANÇA, 2017).

Outros capoeiristas também relataram sobre a capoeira praticada por Mestre Fumaça no contexto dos anos de 1990, na cidade de Taguatinga, destacando que era uma capoeira sem normas e com características de violência, como descreve o Mestrando Dena:

[...] Ela começou, na década de 90, quando eu tive contato com ela foi em 90 [...]. Que era aquela capoeira primitiva, [...] ela não tinha regras, não tinha fundamentos assim específicos. [...] Você batia, você apanhava e num tinha regras. Na época dessa capoeira tinha o mestre que é o mestre Fumaça, que é o Reginaldo, mora em Arraias. Tem o César que era colega dele, na época eles eram militares, trouxeram essa capoeira pra cá. Mas era assim, entrava num salão, fechava a porta, quem quer assistir entra, quem num quer. [...] Aí ele fechava a porta, lá dentro ele ensinava, batia, num tinha esse negócio de [...] (VIANA, 2017).

Em Taipas, o Contramestre Alicate, do Grupo Santa Geração informou-nos que ele foi o pioneiro a ensinar a capoeira nesta cidade, no ano de 2002. Naquela ocasião o referido capoeirista era vinculado a Associação Chapada dos Negros:

Lá em Taipas nós iniciamos, no início do ano de 2002. Eu tinha 16 anos de idade, foi lá onde eu comecei dar aula. Foi a primeira capoeira que teve em Taipas. Eu ia sempre. As vezes ficava uns dias lá, e outras vezes eu ficava indo nos finais de semana de Ponte Alta pra lá. [...] (SANTOS, 2017).

Na ocasião da pesquisa a Associação Chapada dos Negros estava desenvolvendo trabalho com a capoeira nos municípios de Arraias, Lavandeira, Novo Alegre e Taguatinga, sendo que em Lavandeira e Novo Alegre os trabalhos eram coordenados pelo Professor Foca; e na cidade de Taguatinga estava sendo coordenado pelo Mestre Testa.



Na cidade de Dianópolis, as narrativas evidenciaram o início dos trabalhos de capoeira com o capoeirista Formiga⁵, do Grupo Abadá, procedente do Rio de Janeiro, por volta de 1991.

Quem trouxe a capoeira primeiramente aqui pra Dianópolis foi o Mestre Formiga. Eu não tive o prazer de conhecer ele. Mestre Formiga era mestre mesmo. Era policial militar também. [...] Aí depois do mestre Formiga, começou professor Lambretinha e depois Mestre Geleia. (ALCÂNTARA, 2017).

Para alguns depoentes, o professor Formiga era conhecido como um capoeirista valente. Outros depoentes ponderam que o capoeirista Formiga, durante o pouco tempo em que esteve na cidade de Dianópolis fez um bom trabalho; todavia, sendo interrompido em razão da sua morte, decorrente de acidente automobilístico.

Na década de 1990 dar-se-á chegada do Mestre Geléia na Região Sudeste do Tocantins. Sua vinda para o Estado aconteceu, via concurso público, para a Banda de Música da Polícia Militar do Tocantins, tendo a maioria dos membros oriundos da região nordeste do país, especialmente dos estados de Pernambuco e Piauí. Ele destacou que após o processo de formação passou a fazer parte da Banda de Música Santa Cecília da cidade de Arraias. Ao chegar em Arraias o capoeirista, filiou-se ao grupo do Mestre Fumaça, permanecendo por um ano. Logo após criou o seu próprio grupo, o Balé Capoeira:

[...] Eu criei um grupo aqui de capoeira em 1994 chamado Grupo Balé Capoeira Brasil, meu mesmo com outros direcionamentos de metodologia de ensino, aqui na cidade de Arraias e atuei aqui na cidade de Arraias, Dianópolis e São Domingos/GO [...]. (SILVA, 2017)

A Academia Tambor Capoeira desempenhou importante trabalho na Região Sudeste do Tocantins. Com a filiação do Mestre Geléia, a academia passou a ter um trabalho fixo na cidade de Dianópolis, tornando um dispersor de formação de uma nova geração de capoeiristas em diver-

5 Professor Formiga era 3º Sargento da Polícia Militar. De acordo com o Mestre Geleia muitos chamavam-no de mestre, todavia ele não tinha título de mestre.



soz municípios da região, como Natividade, Arraias, Taguatinga e Rio da Conceição. É importante destacar o relevante papel desempenhado pelos Mestres Tambor e Geléia na região. Esse reconhecimento pode ser observado não somente na própria fala desses Mestres, mas também na fala de diversos capoeiristas que foram entrevistados e contactados; ressaltando a importância destes mestres para a história da capoeira do Tocantins.

O trabalho do Mestre Geléia mantém duas vertentes indissociadas: o ensino da capoeira e a formação musical, como fica evidente na fala de seus discípulos:

[...] Primeiramente foi, essa conquista que se deu com o Mestre Geléia, ele veio pra cá como polícia militar de Pernambuco, veio pra dar aula de banda de música, que ele é músico da polícia militar. Juntamente ele começou a abrir o trabalho de capoeira, então foi um longo tempo. Hoje a capoeira tá evoluída por causa do Mestre Geléia. Esses 12 anos que ele passou aqui, ele mostrou trabalho, a filosofia dele pra sociedade; a sociedade compreendeu isso e hoje graças a Deus o povo vê a capoeira aqui bem vista mesmo pela sociedade e pelo poder público também [...]. (ALCÂNTARA, 2017).

Na cidade de Porto Alegre do Tocantins identificamos o ex-capoeirista Efferson Cleiton C. do Nascimento, apelidado de professor Jatobá, que nos informou que foi filiado ao Grupo Atabaque, de Porto Nacional, do Mestre Vareta e que no período de 2000 a 2003 ensinou capoeira, de forma voluntária, no Colégio Estadual Alfredo Nasser, desta cidade.

Em São Valério da Natividade, identificamos o ex-capoeirista Márcio Rodrigues dos Santos, apelidado de Instrutor Peterpan. O ex-capoeirista Peterpan nos informou que no período de 2001 a 2005, realizou diversas ações de forma voluntária nas praças públicas e no Colégio Estadual Regina Siqueira Campos, desta cidade. Ele destacou que desde então, não houve no município de São Valério, nenhum trabalho de capoeira sendo desenvolvido, posto que os gestores não tem apreço pela capoeira. O trabalho de campo nos fez testemunha ocular de tais atitudes por parte de gestores que entrevistamos. Uma situação lamentável, assim como no



passado, durante e após o regime escravocrata; também em São Valério da Natividade, a capoeira tem sido reprimida, negligenciada e carregada de estereótipos por parte dos gestores municipais.

No município de Novo Jardim, identificamos um capoeirista autodidata e estudioso da capoeira. O capoeirista, Jairon Pereira dos Santos, conhecido como Professor Branco contou-nos que iniciou a capoeira em 2002, com um aluno do Mestre Romeu, do Grupo Sol Nascente de Brasília. Nos contou que treinou alguns meses com esse professor. Todavia, o mesmo foi embora da cidade, e a partir daquele momento ele ficou treinando sozinho, por meio de DVDs:

Aí partir desse tempo eu passei a treinar sozinho. Eu não queria parar porque eu já estava bem avançado, falei 'não vou parar. Aí eu continuei. A única aula que eu tinha era DVD. Meu irmão tinha muito contato aqui com a Bahia, então quando ele ia em Barreiras eu falava 'moço, caça um jeito de comprar um DVD de capoeira pra mim. Nesse tempo aqui não tinha internet, não tinha nada, essas coisas assim de rede social, só tinha telefone de orelhão e fixo de casa, nem celular não tinha. Então ele foi e conseguiu um DVD pra mim de capoeira, lá em Barreiras. Aí com esse DVD eu aprendi mais outras coisas. Ele comprou um DVD do grupo Muzenza, [...]. Ensinava várias coisas lá, maculelê, ensinava os toque de berimbau, o nome dos golpes, os golpes, ensinava tudo direitinho, as músicas. Então, com esse DVD eu fui aprendendo bastante coisa, e não parei mais, [...]. (SANTOS, 2017).

Em 2011, o Professor Branco filiou-se a Associação Desportiva Cultural de Capoeira Santa Geração, permanecendo até meados de 2017.



A capoeira na região Sudeste do Tocantins: síntese histórica e geográfica

Como dito anteriormente, para construir o quadro de análise sobre a história da capoeira na Região Sudeste do Tocantins, trabalhamos com a diminuta literatura existente e com as narrativas, as informações e os dados concedidos pelos capoeiristas na ocasião dos trabalhos de campo. A participação em eventos promovidos e organizados pelos Grupos de Capoeira como formaturas, batizados e troca de cordas foi de relevância, tendo possibilitado a nós pesquisadores estabelecer uma relação dialógica com diversos capoeiristas, contribuindo para construir uma análise desse bem cultural.

A pesquisa mostrou que a identidade da maioria dos capoeiristas na Região Sudeste foi construída por meio do pertencimento a um grupo. Tais grupos são compostos por uma diversidade de praticantes desse bem cultural e com graduações variadas. A maioria dos capoeiristas entrevistados se gabam em dizer que pertence a linhagem de Mestre Bimba e/ou Mestre Pastinha. Foram identificados quinze Grupos de Capoeira na Região Sudeste do Tocantins (veja Mapa 2 na próxima página).

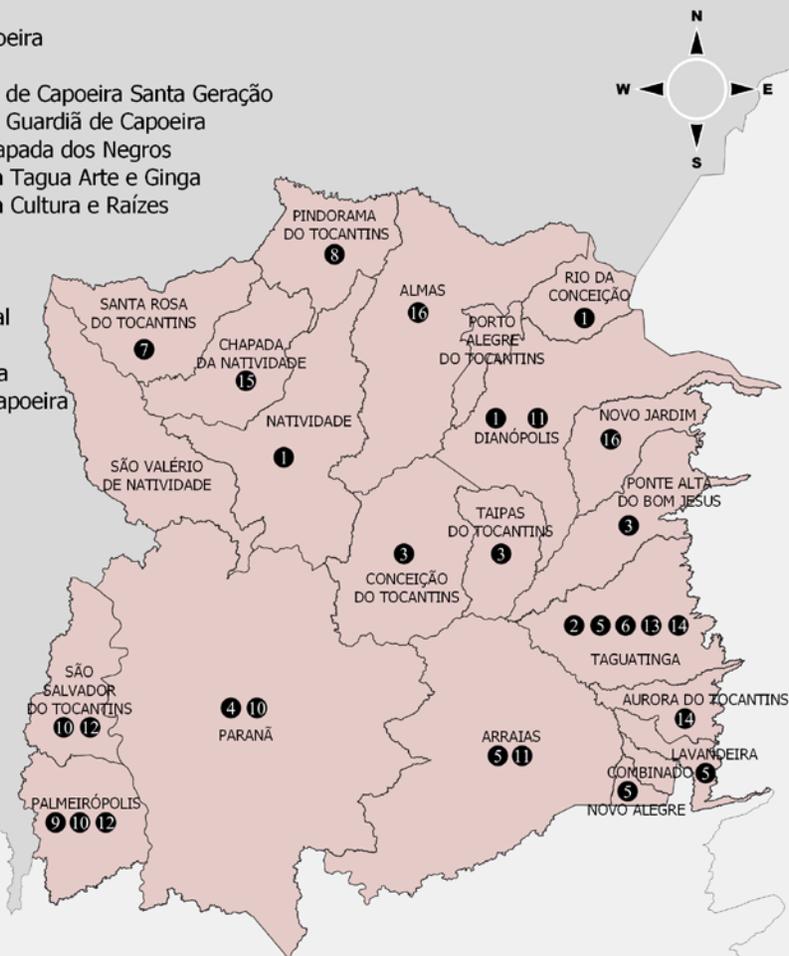
Observa-se uma expressiva quantidade de Grupos de Capoeira em Taguatinga, cinco, certamente devido à proximidade com o estado da Bahia; Palmeirópolis com três aparece em seguida; os municípios de Arraias, Dianópolis, Paranã e São Salvador com dois grupos cada um, e os demais municípios, com um grupo.

No Quadro 1, a seguir pode ser visualizado a atuação dos Grupos de Capoeira, nos respectivos municípios, bem como os capoeiristas responsáveis pelo trabalho de coordenação desse bem cultural na referida localidade.

Mapa 2: Grupos de Capoeira identificados na Região Sudeste

GRUPOS DE CAPOEIRA

- 1 - Academia Tambor Capoeira
- 2 - Além da Capoeira
- 3 - Assoc. Desp. e Cultural de Capoeira Santa Geração
- 4 - Assoc. Desp. e Cultural Guardiã de Capoeira
- 5 - Associação Cultural Chapada dos Negros
- 6 - Associação de Capoeira Tagua Arte e Ginga
- 7 - Associação de Capoeira Cultura e Raízes
- 8 - Azibo Capoeira
- 9 - Capoeira Falcão
- 10 - Capoeira Nagô
- 11 - Centro de Arte Cultural
- 12 - Chapada da Lua
- 13 - Cultura Brasil Capoeira
- 14 - Miscigenação Brasil Capoeira
- 15 - Tribo Arte Capoeira
- 16 - Sem filiação



I Etapa: Mapeamento da Capoeira no Tocantins - Região Sudeste.

DATUM: SIRGAS 2000.

Fonte: IBGE 2020; Org. Pesquisadores do Projeto.

Elaborado por LIMA, Pablo A. P., 2021.

Adaptado de SANTANA SOBRINHO, O. S., 2018.

0 25 50 75 100 km



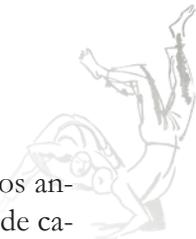
Quadro 1: Grupos de Capoeira identificados na Região Sudeste do Tocantins, 2018.

GRUPO	COORDENAÇÃO	MUNICÍPIO
ALEM da Capoeira	Sebastião Cardoso dos Santos (Contramestre Tião)	
Cultura Brasil Capoeira	Fabiana Rodrigues Martins (Formada Fabiana)	
Assoc. de Capoeira Tagua Arte e Ginga	José Eduardo Oliveira Martins (Mestrando Duia)	Taguatinga
Miscigenação Brasil Capoeira	Aldenor Lopes Viana (Mestrando Dena) e Jair de Brito Rodrigues (Mestrando Badoqui)	
	Jane Carlos Machado Ferreira (Estagiário Índio e Wagner José de Moura (Professor Mandingueiro)	Aurora do Tocantins
	Marcos Antônio Ferreira Dias (Monitor Nativo)	Natividade
Academia Tambor Capoeira	Juliano Ribeiro da Silva (Con- tramestre Bicho do Mato) e Leivyson Tolentino Alcântara (Contramestre Leivyson)	Dianópolis
	Juliano Ribeiro da Silva (Contramestre Bicho do Mato)	Rio da Conceição
	Fernando Ragéu F. Guedes (Monitor Fernando)	Conceição do Tocantins
Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Santa Geração	Jônatas Montalvão Ribeiro (Contramestre Caverna)	Ponte Alta do Bom Jesus
	Dion Charles Silva dos Santos (Monitor Charles)	Taipas



Ass. Desp. e Cultural Guardiã de Capoeira	Mateus Pereira de Sousa (Instrutor Trovão) e Pedro Pereira de Sousa (Instrutor Raio)	Paraná
	José Reginaldo Ferreira de Moura (Mestre Fumaça)	Arraias
Associação Cultural Chapada Negros	Euclides Farias dos Santos (Contramestre Foca)	Lavandeira e Novo Alegre
	Mestre Testa	Taguatinga
Associação de Capoeira e Cultura Raízes	Luiz Antônio Carvalho Martins (Professor Jabuti)	Santa Rosa do Tocantins
Azibo Capoeira	Anderson Júnior Alves Cerqueira (Graduado Marcha Lenta)	Pindorama do Tocantins
Capoeira Falcão	Marcos da Silva Gonçalves (Professor Cobra)	Palmeirópolis
	Professor Jacarandá e Valdeçon Raimundo do Nascimento (Graduado Baiano)	Palmeirópolis e São Salvador
Capoeira Nagô	Professor Jacarandá e Bruno Raphael Martins de Lima (Graduado Bruno)	Paraná
Centro de Arte Cultural	Nilton Sergio da Silva (Mestre Geléia)	Arraias e Dianópolis
Chapada da Lua	Izauro Cezar Teixeira dos Santos (Contramestre Cachorrão ou Azul)	Palmeirópolis e São Salvador
Tribo Arte Capoeira	Márcio Rodrigues de Santana (Aluno Marciano)	Chapada da Natividade
Sem Grupo	Jairon Pereira dos Santos (Professor Branco)	Novo Jardim
	Antônio Rodrigues Celestino (Instrutor Cambotinha)	Almas

Fonte: Resultados da Pesquisa da I Etapa do Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.



É expressiva a atuação dos grupos de capoeiras mencionados anteriormente, bem como as experiências realizadas pelos praticantes de capoeira, na ocasião da pesquisa de campo.

Na cidade de Dianópolis, a Academia Tambor Capoeira desenvolveu os trabalhos desde os anos de 1990, sendo coordenado pelo Mestre Geléia até 2017. Na ocasião da pesquisa, o trabalho da capoeira estava sob a coordenação dos Contramestres Juliano e Leivyson filiados à Academia Tambor Capoeira. Na localidade destaca-se a interface entre capoeira e a música, principalmente realizada pelo Professor Cokun que foi filiado a Academia Tambor Capoeira até meados de 2017; e a capoterapia que estava sendo realizada pelo Graduado Kannário. Os capoeiristas destacaram o apoio que a capoeira tem na cidade, pela gestão municipal, e também pelo Ministério do Trabalho, e o reconhecimento do trabalho realizado pelo Mestre Geléia, a quem afixam o prestígio que a capoeira tem na cidade.

Em Natividade, o capoeirista Nativo, da Academia Tambor Capoeira, que foi aluno do Mestre Geléia, faz um trabalho conciliando a capoeira e a música. O mesmo é contratado pelo Programa Mais Educação e também pelo município. O reconhecimento da comunidade local é visível, pelo trabalho do músico-capoeirista que ensina capoeira na cidade de Natividade e no Distrito do Príncipe. E, realiza também, juntamente com seus alunos apresentações nas escolas de Natividade, Conceição, Chapada de Natividade, Peixe, Gurupi, entre outros.

Em Arraias encontra-se a sede da Associação Cultural Chapada dos Negros (ACCN), coordenada por Mestre Fumaça, juntamente com seus discípulos: o Mestrando Urso Polar, a Professora Silvinha Pena, os Professores Piloto e Pixaim, os Instrutores Folião e Bunitim, e os Graduados Lorin e Rinoceronte; e um número significativo de alunos. Fruto do trabalho do Mestre Fumaça é o capoeirista Euclides Farias dos Santos, conhecido como Professor Foca filiado da ACCN e que desenvolve trabalho com a capoeira nos municípios de Lavandeira, em que é contratado pela Prefeitura Municipal, atuando junto ao CRAS; e na cidade de Novo Alegre, o Professor Foca, morador desta cidade, desenvolve trabalho voluntário, sem nenhum apoio do poder público.



Outro capoeirista fruto dos trabalhos do Mestre Fumaça é o Mestre Testa, do município de Taguatinga. Todavia, não obtivemos informações das suas experiências capoeirísticas, posto que o mesmo não se disponibilizou a conceder entrevista. Foram feitas diversas tentativas de agendamento de entrevista, todavia, sem êxito.

Em Taguatinga, o Grupo Miscigenação Brasil Capoeira, coordenado pelos Mestrados Dena e Badoqui e o Professor Bolim, tem sua origem ligada ao Grupo Esquiva, de Barreiras (BA), do Mestre Foguim. Na ocasião da pesquisa estes capoeiristas estavam supervisionando os trabalhos no município de Aurora do Tocantins. De acordo com as narrativas dos capoeiristas, no início da década de 1990, o Grupo Esquiva desenvolveu intenso trabalho com a capoeira em alguns municípios da Região Sudeste, como: Taguatinga, Aurora do Tocantins, Lavandeira e Combinado. A importância da maestria e do trabalho realizado pelo Mestre Foguim no Sudeste do estado do Tocantins é destacado e reconhecido por seus amigos e discípulos. De acordo com o Professor Bolim ele é

[...] Um menino muito bom, muito educado e eu agradeço a Deus por ele estar aqui até hoje com a gente, ele nunca deixou nós na mão e tá aí formado a mestre, é uma pessoa excelente, de bom ensinamento mesmo, uma pessoa que tem a cultura da capoeira com ele. (FRANÇA, 2017).

Combinado, foi um dos municípios em que não havia trabalho com a capoeira sendo desenvolvido na ocasião da pesquisa. Entretanto, identificamos dois ex-capoeiristas Willyas e Wilson que treinaram capoeira no período de 1999 e 2000 com o professor Duia e Foguim do Grupo Esquiva, de Taguatinga e Barreiras, que naquele contexto desenvolveram trabalho voluntário, neste município.

Na cidade de Chapada de Natividade, identificamos Márcio Rodrigues de Santana, conhecido como Marciano e Gilson Rodrigues Pereira, apelidado de Senzala, filiados ao Grupo Tribo Arte Capoeira, do Mestre Índio, de Palmas. O aluno Marciano narrou-nos que ensinou a prática da capoeira no ano de 2014, na Escola Mestra Eva, na cidade circunvizinha de Natividade, por meio do Programa Mais Educação. Na cidade de Cha-



pada de Natividade, entre 2011 e 2012, o mesmo, ensinou capoeira para aproximadamente 40 crianças e adolescentes de forma voluntária. Gilson ensinou Capoeira em Natividade, sendo contratado pela prefeitura e em Chapada de Natividade, como voluntário. Na ocasião da pesquisa ambos não estavam desenvolvendo nenhum trabalho de capoeira, no dizer deles, apenas brincadeiras/rodas ocasionais. Em contato com o Mestre Índio, o mesmo negou a filiação dos capoeiristas ao seu grupo, dizendo que não os conhecia.

A Associação Desportiva Cultural de Capoeira Santa Geração, supervisionada pelo Mestre Passo Preto de Goiânia e com a coordenação do Constramestre Renato Santana dos Santos, apelidado de Constramestre Alicate, desenvolve trabalhos em três municípios da Região Sudeste do do estado do Tocantins: Ponte Alta do Bom Jesus, Conceição do Tocantins e Taipas. Em Ponte Alta do Bom Jesus, os trabalhos são realizados pelo capoeirista Jônatas Montalvão Ribeiro, apelidado de Constramestre Caverna. Em Conceição do Tocantins, pelo Monitor Fernando Ragéu F. Guedes, e em Taipas, pelo Monitor Dion Charles Silva dos Santos.

O Grupo Capoeira Nagô, do Mestre Pequinês, de Goiânia, desenvolve trabalho com a capoeira no Tocantins sob a coordenação do Professor Jacarandá, nos municípios de Palmeirópolis, Paranã e São Salvador. Em Palmeirópolis e São Salvador o trabalho é realizado por Valdeçon Raimundo do Nascimento, apelidado de Graduado Baiano. Em Paranã pelo capoeirista Bruno Raphael Martins de Lima (Graduado Bruno) e Carlos Pereira de Sousa Filho (Aluno Carlinhos).

O Grupo Chapada da Lua, do Constramestre Izauro César Teixeira dos Santos (Constramestre Azul) estava atuando nos municípios de Palmeirópolis e São Salvador.

O Grupo Capoeira Falcão sob a responsabilidade de Marcos da Silva Gonçalves (Professor Cobra) teve sua atuação no município de Palmeirópolis.

O Grupo Capoeira Guardiã, do Mestre Pantera, de Goianésia (GO), era um grupo recente na Região Sudeste e desenvolvia trabalho no município de Paranã, pelos irmãos Pedro Pereira de Sousa (Instrutor Raio)



e Mateus Pereira de Sousa (Instrutor Trovão). Os capoeiristas destacaram que iniciaram seus trabalhos junto ao Grupo Capoeira Nagô e com a dificuldade de receber as graduações, os capoeiristas resolveram mudar de grupo, filiando-se ao Capoeira Guardiã em 2017 e, em seguida, receberam a corda de instrutores

[...] Eu peguei corda na verdade esse ano. Foi, eu não tinha corda, eu não recebi graduação com nenhum desses dois professores, eu treinei com eles, mas corda eu peguei agora nesse grupo que eu estou, Guardiã [...]»⁶.

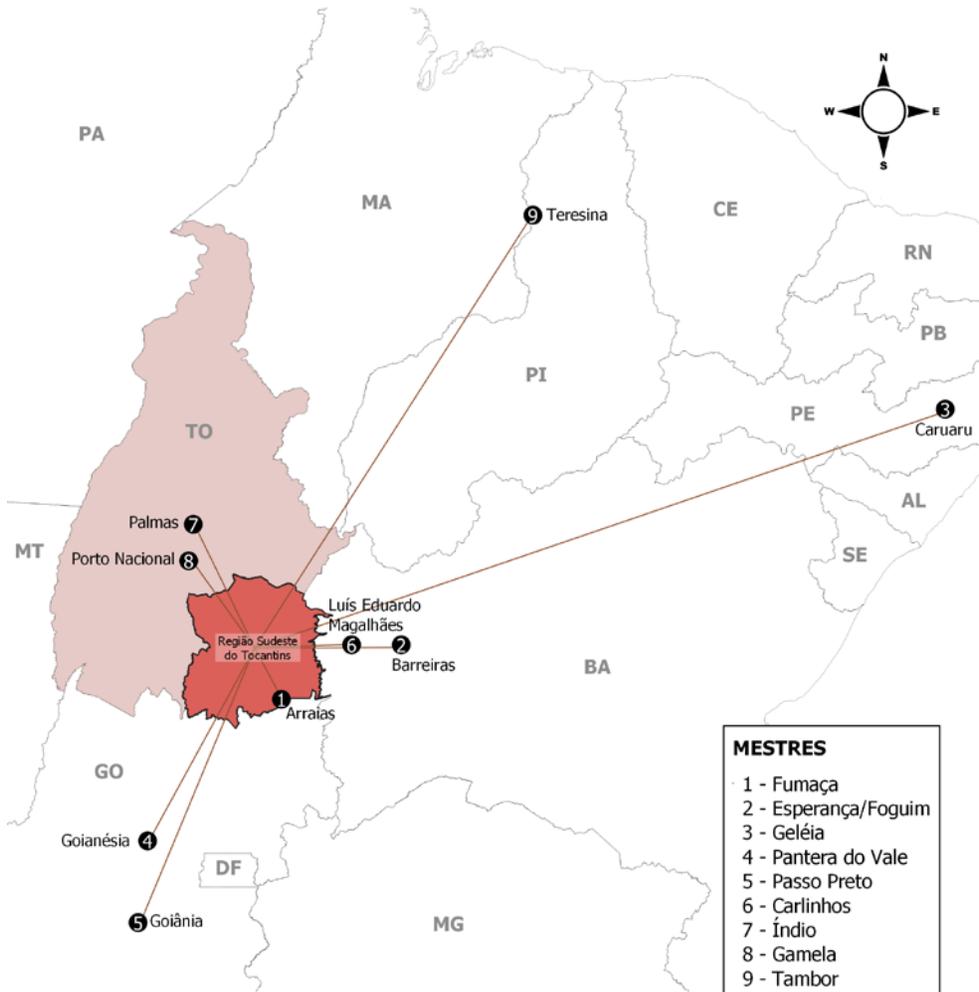
O Grupo Azibo Capoeira do, Contramestre Melado, de Palmas, desenvolvia trabalho no município de Pindorama do Tocantins (TO), sob a coordenação de Anderson Junior Alves Cerqueira, apelidado de Marcha Lenta.

No município de Santa Rosa, o capoeirista Luiz Antônio Carvalho Martins, apelidado de professor Jabuti, da Associação de Capoeira e Cultura Raízes, do Mestre Gamela, de Porto Nacional, coordenava os trabalhos desde o ano de 2005, na Comunidade Quilombola Morro de São João. A partir de 2007 o trabalho foi ampliado para a área urbana da cidade e também para a Comunidade Quilombola de Cangas.

Na cidade de Taguatinga, como já mencionado anteriormente, foi identificado um número maior de grupos e capoeiristas com significativa vinculação as cidades circunvizinhas, baianas, de Luiz Eduardo Magalhães e Barreiras. O Grupo Além da Capoeira, do Mestre Carlinhos, de Luiz Eduardo Magalhães (BA), conduz os trabalhos sob a coordenação de Sebastião Cardoso dos Santos (Contramestre Tião). O Grupo Cultura Brasil Capoeira, de Barreiras, da Mestra Esperança, realiza trabalhos, de forma voluntária, pela capoeirista Fabiana Rodrigues Martins (Formada Fabiana). O Grupo Tagua Arte e Ginga supervisionado pelo Mestre Foguim, de Barreiras, atua sob a coordenação de José Eduardo Oliveira Martins (Mestrando Duia).

6 SOUSA, Pedro Pereira de; SOUSA, Mateus Pereira de Sousa (Instrutores Raio e Trovão). Depoimento [dez. 2017]. Entrevistadoras Messias e Jesus. Arraias: UFI/IPHAN-TO, 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

Mapa 3: Origem dos Mestres de Capoeira com influência na Região Sudeste (2018)



I Etapa: Mapeamento da Capoeira no Tocantins - Região Sudeste.

DATUM: SIRGAS 2000.

Fonte: IBGE 2020; Org. Pesquisadores do Projeto.

Elaborado por LIMA, Pablo A. P., 2021.

Adaptado de SANTANA SOBRINHO, O. S., 2018.

0 75 150 225 300 km



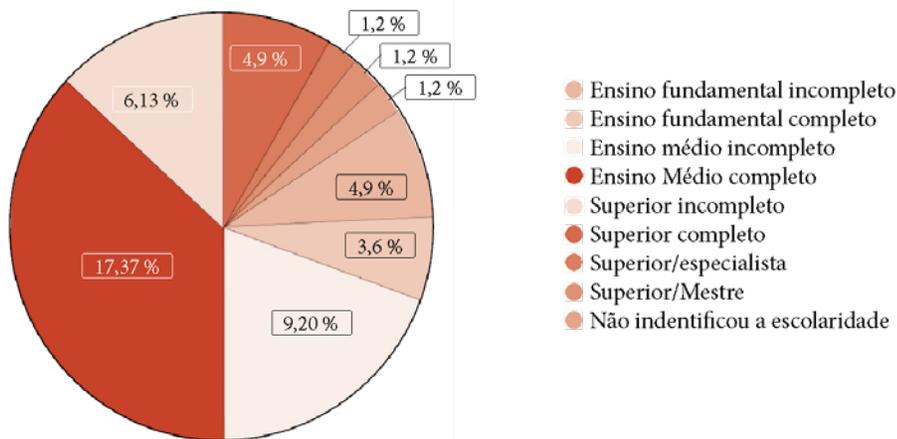


O Grupo Capoeira Centro de Arte, criado em 2017, pelo Mestre Geléia realizava trabalhos nas cidades de Arraias e Dianópolis.

Nos municípios de Almas e Novo Jardim, na ocasião da pesquisa de campo, os trabalhos com a capoeira estavam sendo realizados, por capoeiristas independentes, isto é, sem vinculação a nenhum grupo. No município de Almas identificamos o capoeirista Antônio Rodrigues Celestino, conhecido como Instrutor Cambotinha, anteriormente, vinculado ao Grupo Cia Terreiro do Brasil, do professor Assanhado, de Palmas. E, no município de Novo Jardim, identificamos Jairon Pereira dos Santos, conhecido por Professor Branco, que anteriormente, foi filiado ao Grupo Associação Desportiva e Cultural de Capoeira Santa Geração, da cidade de Luís Eduardo Magalhães, do período de 2011 a 2017.

Para além das narrativas históricas, a pesquisa mostrou a escolaridade dos 46 capoeiristas identificados na Região Sudeste, conforme pode ser visualizada no Gráfico 01, predominando os níveis médio e superior.

Gráfico 1: Escolaridade dos Capoeiristas Região Sudeste do Tocantins, 2018.



Fonte: Resultados da Pesquisa I Etapa: Mapeamento da Capoeira no Tocantins - Região Sudeste.

No que tange a religiosidade, Quadro 2, dos 30 (trinta) capoeiristas entrevistados, 24 (vinte e quatro) se identificam como pertencente ao catolicismo.



Quadro 2: Religiosidade dos Capoeiristas Região Sudeste do Tocantins/2017.

RELIGIÃO	QUANTIDADE DE CAPOEIRISTAS
Católica	24
Batista	2
Assembleia de Deus Amor Verdadeiro	1
Assembleia de Deus Missão em Tocantins	1
Assembleia Madureira	1
Nenhuma	1
TOTAL	30

Fonte: Resultados da Pesquisa da I Etapa do Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

Quando perguntávamos ao capoeirista se o seu grupo de Capoeira tem ligação com as religiões de matriz africana, a resposta de muitos apresentava ideias pré-concebidas, desconhecimentos e estranheza, gerando medo e temor para com as religiões de matriz africana, em contraposição à afirmação da sua religião, associando tais religiões a “macumba”, ao “demônio”, etc. Esse aspecto pode ser observado no depoimento da Formada Fabiana, do Grupo Cultura Brasil de Capoeira:

[...] eu não tenho preconceito, mas não vem com isso pra mim não, pelo amor de Deus, morro de medo. Sou sistemática [...] (MARTINS, 2017).

O Professor Branco também expressou desconhecimento com as religiões de matriz africana:

[...] Pra falar a verdade à gente nem conhece isso, a gente conhece assim por histórias contadas, por assistir TV e vê falar, por DVD também que tem, né? [...] (SANTOS, 2017).

Da mesma maneira em que observamos temor, desconhecimento e ideias estereotipadas com as religiões de matriz africana, por parte de capoeiristas, também, deparamos com narrativas de gestores públicos e outras pessoas da sociedade civil que associam a capoeira com questões demoníacas, como lembrou o Professor Foca, do Grupo Chapada dos



Negros:

[...] lá em casa tinha um berimbau na parede, na casa da minha mãe. Aí chegou uma pessoa Testemunha de Jeová, ela chegou, viu meu berimbau dependurado assim e disse: 'meu irmão, de quem é esse trem? Eu respondi: 'É meu'. Então ela falou: 'Não, meu irmão, isso aí é do satanás, do demônio' [...] (SANTOS, 2017).

Outro capoeirista salientou que uma das dificuldades que observava no desenvolvimento da capoeira consiste no desconhecimento que algumas pessoas tem da capoeira, associando ora ao candomblé:

A dificuldade geralmente é a comunidade, porque muita gente não aceita e não entende, nessa parte das religiões. Tem muita gente que fala que é candomblé. [...] Uma vez um cara chegou em mim e falou assim 'você é capoeirista?', E eu disse: 'eu sou'. E ele falou: porque você faz isso, moço, isso não presta para nada' [...]. Como é que eu vou explicar uma coisa pra essa pessoa, sendo que ele não tem nenhum conhecimento (CERQUEIRA, 2017).

Ora a macumba:

Eu vejo a capoeira assim, a capoeira [...] ela é discriminada, entendeu? quando você fala assim 'ah, eu jogo capoeira'. Tem muitos que pensam que capoeira é coisa de macumba, essas coisas, né? (RODRIGUES, 2017).

Deparamos também com relatos preconceituosos e discriminatórios por parte de evangélicos que disseminavam que a capoeira estava associada a questões diabólicas, entre outras concepções depreciativas:

Eu perdi um aluno em Palmeirópolis com influência de um rapaz lá que é evangélico, e botou na mente da criança que a capoeira era coisa do bicho. [...] e ele ficou um menino assim meio fechado, assustado por causa de uma palavra que um sem conhecimento botou na mente da criança (NASCIMENTO, 2017).

Por outro lado, é relevante ressaltar a interligação positiva das religiões de matriz africana em apresentações públicas, no mesmo espaço que



a capoeira, na Feirinha Cultural que é realizada anualmente no Setor Buração e nas palestras e ações educativas sobre as religiões de matriz africana e a capoeira em escolas públicas na cidade de Porto Nacional. Estas ações eram realizadas por capoeiristas da Associação de Capoeira e Cultura Raízes, visando reforçar e promover o respeito e a valorização da diversidade brasileira, conforme assinalou o Professor Jabuti:

A gente faz a feirinha, em Porto Nacional. A gente faz todo ano, no mês de junho, que é a feirinha junto com a comunidade. [...] Ai faz roda de capoeira [...]. O pessoal do Candomblé, fazem algumas apresentações. É uma festa com todos juntos [...] (MARTINS, 2018).

A pesquisa evidenciou que a capoeira praticada na Região Sudeste é predominantemente masculina. A presença de capoeirista feminina é pequena. Nos relatos dos responsáveis pela formação, é recorrente que os grupos têm um número significativo de mulheres participando do aprendizado da capoeira na formação inicial, destacando que elas são assíduas e dedicadas. Entretanto, quando vai passando o tempo, por volta dos 15 anos de idade, elas deixam a capoeira. Procuramos entender as razões para isso; alguns acreditam que as mulheres sentem vergonha e medo para jogar capoeira; outros disseram que elas sofrem preconceitos; outros capoeiristas argumentam que a dificuldade maior que as mulheres encontram é porque a academia de capoeira é um espaço eminentemente masculino, deixando-as intimidadas:

Aqui mesmo em Dianópolis muita mulher quer fazer capoeira, mas quando ela chega ali dentro que vê muito homem treinando elas ficam com vergonha, ficam tímidas demais [...] (ALCÂNTARA, 2017).

Outros argumentaram que os namorados e companheiros ficam com ciúmes.

Quando ela arruma um namorado, que é da capoeira tudo bem, ainda consegue ficar lá dentro, mas quando arruma um namorado que não é capoeirista, logo ele já tira ela, porque a capoeira a maior parte é masculina, né? [...] Fica com ciúmes (MARTINS, 2018).



A Professora Silvinha Pena, da Associação Chapada dos Negros, destacou que a participação da mulher na capoeira é muito tímida devido a diversos fatores, como a maternidade e a obrigatoriedade de ficar distante dos treinos, provocando desânimos e elas desistem. As obrigações da tripla jornada da mulher enquanto trabalhadora, mãe e companheira, dificultando sua evolução no sistema de graduação, acabam desestimulando-as e fazendo com que elas deixem de praticar a capoeira:

Não é fácil ser capoeirista e ser mulher, exercer vários papéis sociais. Tem a questão do corpo, a gravidez, a menstruação, então a mulher ela acaba tendo uma certa limitação. Eu lamento muito ter poucas mulheres fazendo capoeira e poucas mulheres conseguindo se manter (MOURA, 2018).

O fato é que neste universo masculino, não existe nenhuma mulher com titulação de Mestre, Contramestra ou Mestranda, na Região Sudeste do Tocantins. A titulação mais alta é da Professora Silvinha Pena, do município de Arraias, seguida de três Formadas em Taguatinga, conforme relacionado no Quadro 3:

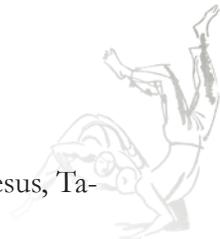
Quadro 3: Maior Graduação de Capoeirista Mulher, 2018.

Nome capoeirista Graduação Apelido	Grupo de Capoeira	Município
Sílvia Adriane Tavares Moura Professora Silvinha Pena	Associação Cultural Chapada dos Negros	Arraias
Janequelen Martins dos Santos Formada Amora	ALEM da Capoeira	
Andréia de Oliveira Santos Formada Pena	Associação de Capoeira Tagua Arte e Ginga	Taguatinga
Fabiana Rodrigues Martins Formada Fabiana	Cultura Brasil	

Fonte: Resultados da Pesquisa da I Etapa do Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

A pesquisa mostrou que as práticas culturais associadas à capoeira são comuns nos grupos de capoeira identificados, destacando o maculelê, o samba de roda e a puxada de rede como as práticas mais recorrentes.

A capoterapia tem sido praticada, especialmente com pessoas ido-



sas, nos municípios de Arraias, Dianópolis, Ponte Alta do Bom Jesus, Taguatinga e Taipas.

Alguns capoeiristas tem incorporado práticas culturais locais/regionais à capoeira como, por exemplo, os capoeiristas das cidades de Almas, Natividade, Paranã e Santa Rosa que incluem a suça⁷:

[...] Faz também o suça, mesmo manejo do suça, você joga o samba de roda do mesmo manejo do suça. Então é uma coisa infiltrada dentro da capoeira através de uma dança a gente vai colocando outras [...]. A música do suça se quiser colocar ela no berimbau você coloca, você joga do mesmo jeito (CELESTINO, 2017).

O Mestre Geléia salientou que associa diversas práticas culturais à capoeira, entre elas a banda de música, ciranda, o hip-hop e o bumba-meu-boi:

Por exemplo, aqui no dia que eu fiz o batizado, eu fiz uma dança de fogo, fiz o maculelê, fiz uma ciranda, fiz um rap, hip hop, entendeu? Então eu sempre tive associando a isso, eu, por exemplo, lá em Dianópolis, eu associei a banda de música, eu fiz o bumba-meu-boi, eu fiz uma escola de samba [...] (SILVA, 2017).

Alguns grupos, a exemplo dos Grupos Capoeira Nagô, em Paranã; Cultura Raízes, em Santa Rosa; Alem da Capoeira, em Taguatinga; e Chapada dos Negros, em Lavandeira e Novo Alegre, realizam teatro associado à capoeira, contribuindo com processo educativo dos jovens por meio da arte-educação.

O Mestrando Dena do Grupo Miscigenação Brasil, destacou que realiza, além de outras práticas culturais, brincadeiras com cantigas de roda:

A gente faz aquelas brincadeiras de roda, com os meninos [...]. Aquelas cantigas que tinha antigamente ‘o anel que era doce...’, mais ou menos assim [...] (VIANA, 2017).

Tais práticas culturais são realizadas em ocasiões especiais como eventos de capoeira, Dia Nacional da Consciência Negra, apresentações

7 Suça consiste em uma dança de roda, considerada como sendo de origem africana. As letras das músicas são breves, constituindo-se, por dois refrãos jocosos e repetidos. (MESSIAS, 2010).



em escolas, etc.

O ano passado mesmo a gente fez muito berimbau e na hora que o evento começou, a gente tocou o hino nacional tocando a berimbalada [...] (ALCÂNTARA, 2017).

Na concepção de alguns capoeiristas tais práticas culturais são performances que impressionam e encantam o público, além de atrair as crianças, jovens e idosos para os saberes e fazeres da capoeira.

A pesquisa ainda levantou aspectos relacionados a restrita efetivação de políticas e ações públicas para a capoeira. Por meio das narrativas dos capoeiristas percebemos ressentimento de muitos, reafirmando a ausência de apoio financeiro e logístico por parte do poder público para com a capoeira. Durante a pesquisa de campo não identificamos nenhuma ação visando promover a construção de uma política pública (quer seja na esfera municipal e/ou estadual) direcionada para a capoeira. Alguns capoeiristas afirmaram que o mercado profissional da capoeira tem crescido apesar da falta de apoio do poder público e ausência de políticas públicas municipais e estadual.

A maioria dos capoeiristas na Região Sudeste do estado do Tocantins possui um ritmo de trabalho irregular, vivendo de ocupações esporádicas, trabalhos informais e intermitentes e/ou desenvolvendo trabalho extra para sobreviver. Eles trabalham em distintos ofícios como açougueiro, pedreiro, vigilante, mecânico, marceneiro, lavrador, entre outras ocupações subalternizadas. Tal evidência nega a tese que associa capoeira a coisa de desocupado ou malandro.

No campo da atuação profissional capoeirístico, muitos realizam trabalho voluntário e alguns são contratados pela Prefeitura Municipal, atuando especialmente junto aos CRAS, por meio de contratos temporários. Todavia, salientaram que o trabalho remunerado como capoeirista é insuficiente para garantir a sobrevivência dos mesmos. Destacaram que não conseguem sobreviver da capoeira e o trabalho que desenvolvem é por gostar e acreditar na capoeira.

Alguns capoeiristas trabalham por meio do Programa Mais Educação, do Governo Federal. Todavia, este programa não está isento às críticas:



[...] É um projeto que você trabalha no Mais Educação, aí ele começa, depois de fevereiro e para no mês de junho. Depois vai voltar em setembro. Então assim, não tem como você fazer um trabalho de continuidade, firme e forte com os meninos [...] (MARTINS, 2018).

Os capoeiristas são unânimes em afirmar ser bem difícil a oferta de trabalho, e que os mesmos enfrentam uma dinâmica trabalhista na maioria das situações fazendo “bicos” em trabalhos subalternos, e intercalando com os trabalhos voluntários que realizam com a capoeira, como bem salientou o Formado Elástico, da cidade de Taguatinga [...] “Nós fazemos os bicos [...]. Nós temos que viajar, sair daqui pra caçar emprego em outros locais, isso aconteceu com o Mestrando Dena”.

Eu já fui açougueiro, [...] já fui inspetor de auxiliar de empresa, classificador de grãos [...]. Hoje eu tô como lavrador [...] Aqui na região a oferta de trabalho é muito carente, as opções aqui é, assim, mais é fazenda, porque aqui é mais agropecuária. Ou então, é Prefeitura, esse trabalhozinho municipal [...] (VIANA, 2017).

Outros capoeiristas argumentaram sobre a dificuldade de conseguir um contrato pela Prefeitura, salientando que o campo de atuação profissional dos capoeiristas é muito desvalorizado, além da concorrência, especialmente, quando se trata de um profissional da Educação Física:

[...] se chegar um professor de Educação Física e um capoeirista, quem é mais valorizado é um professor de Educação Física. Tá certo que ele passou quatro anos estudando na universidade. E a gente? Eu mesmo tem dezenove anos que eu estou investindo na capoeira (RIBEIRO, 2017).

Outros praticantes destacam que a oferta de trabalho para o capoeirista é difícil e que trabalham, inclusive de forma voluntária, porque gostam da capoeira:

Porque se for para viver de capoeira aqui não dá, então a gente faz capoeira porque gosta mesmo de ensinar [...]. Mas a gente, ninguém vive de capoeira aqui. É, muito difícil. Não temos apoio (ALCÂNTARA, 2017).



A Professora Silvinha Pena salientou que a capoeira como profissão é um campo vasto que precisa ser regulamentado e superar as práticas voluntárias:

A capoeira como profissão eu vejo como um campo vasto, mas que precisa ser regulamentado [...]. Perfil do profissional da capoeira, por exemplo, quem que pode, quem que tá apto, quem que não está a ministrar. A mesma coisa que se exige de um professor a ministrar aula, a está diante de crianças, adolescentes e adultos em sala de aula. A mesma seriedade precisa ser encarada quando se trata em ministrar aulas de capoeira. [...] capoeira também precisa entrar no mercado como profissional. Chega de voluntário. Voluntário a capoeira já foi à vida inteira, [...] (MOURA, 2018).

O Mestrando Urso Polar destacou que a “maioria dos professores de capoeira no estado do Tocantins, pratica a capoeira por amor mesmo”. Também, Mestre Geléia salientou que “são poucos os capoeiristas que sobrevivem exclusivamente da prática da capoeira”, e que são necessárias ações para valorizar e reconhecer o profissional da capoeira.

Outro capoeirista assinala que uma das dificuldades que ele observa no desenvolvimento da capoeira, no município de São Valério da Natividade, é a falta de conhecimento e de iniciativa dos gestores públicos:

Falta de interesse, eu acho que também de conhecimento dos administradores, gestores [...] falta, acho que iniciativa. Acho não, eu tenho certeza, falta conhecimento e iniciativa dos administradores em ver o bem que a capoeira faz [...] (SANTOS, 2017).

Embora algumas instituições como escolas, Centros de Assistência Social, entre outras tenham adotado a prática da capoeira para fins educativos, de inclusão e integração social, ainda há muito o que se fazer no campo da efetivação de políticas públicas para a capoeira. Como já foi mencionado, é recorrente nas falas dos capoeiristas a ausência do poder público, no que diz respeito a concessão de apoio:

Hoje a grande dificuldade que enfrentamos é a falta de apoio. Necessitamos muito mais de apoio, tanto da comuni-



dade, como dos órgãos que faz parte do processo de cultura que apoie mais a questão da capoeira [...]. (SILVA, 2017).

A capoeira aqui em Taguatinga na verdade ela só está viva por causa de quem? do Contramestre Tião, por causa do Mestrando Duia, do Mestrando Dena, do Mestrando Badoque, do professor Bolin, do Mestre Testa. A gente ainda batalha, com pulso, com força pra que a capoeira esteja em pé. [...] Até um aluno chegar na graduação é tudo na força da boa vontade, do braço, do esforço da gente. Pedindo aqui, pedindo ali, apoio. Porque os comerciantes, os empresários, a população aqui a gente não tem nada a reclamar, o apoio deles é 100%. Mas, infelizmente, o maior apoio que deveria ser do poder público pra gente aqui não, tá deixando a desejar. A falta que faz é o apoio do poder público aqui pra gente (VIANA, 2017).

Alguns capoeiristas tem a clara compreensão do relevante trabalho de inclusão social que desenvolvem com a capoeira, de forma voluntária, defendendo que deveriam ser recompensados monetariamente pelo poder público:

O poder público ele tinha que olhar mais, para a capoeira. Eles não dá valor na capoeira, muitos não dá, entendeu? Se eles dessem valor eu creio que a capoeira ia ser mais evoluída. Tipo assim, como professores, instrutores, mestrando, mestre, tinha de ter, um salário, um salário bom mesmo, entendeu? Para ensinar nas escolas, nos bairros. Igual nós faz em Taguatinga, nós faz trabalho voluntário, a gente tira do bolso para poder ensinar os meninos (RODRIGUES, 2017).

O Professor Jabuti salientou que além da ausência de apoio, falta também respeito dos governos:

Eu acho que falta mais é respeito, [...] acho que respeito do governo, tanto do municipal, como estadual, acho que falta esse respeito com nós professores de capoeira. Eu acho que falta muito apoio, eu acho que falta [...]. Porque é um esporte a capoeira, que ela transforma a pessoa, entendeu? (MARTINS, 2018).

Diante das narrativas dos praticantes e das ações de caráter social e educativo que os capoeiristas desenvolvem em suas localidades, as quais



presenciamos *in loco*, percebe-se a necessidade de sensibilização do poder público, especialmente das esferas municipal e estadual para o desenvolvimento de ações e estratégias de promoção, preservação e valorização da capoeira, nos municípios da Região Sudeste.

A pesquisa evidenciou que nas suas diversificadas configurações, a capoeira constitui uma prática de sociabilidade, auto-estima, solidariedade, cooperação, hierarquização e portadora de inclusão social e formação pessoal. Todos os capoeiristas entrevistados enfatizaram os ganhos que a capoeira propicia aos praticantes, sendo compreendida como uma estratégia de inclusão e formação social que contribui sobremaneira para tirar os jovens do mundo das drogas, conforme pode ser certificado nos depoimentos a seguir:

[...] O principal, desenvolvimento da capoeira é livrar os jovens das drogas, o principal da capoeira é isso [...] (SANTANA, 2017).

Na perspectiva de afastar os jovens das drogas, a Academia Tambor Capoeira utiliza em suas publicações (folders, cartazes, etc) a frase: “Pratique Capoeira e Diga Não as Drogas”.

O Contramestre Juliano reforça essa assertiva do potencial da capoeira no processo de inclusão social e formação pessoal:

A capoeira tem uma força que infelizmente muita gente desconhece, de transformação. Eu já falei pra várias pessoas que a capoeira aqui em Dianópolis já tem muito mais frutos do que qualquer atividade. A capoeira tem um papel muito mais importante e transformador [...] (SILVA, 2017).

A transformação pessoal proporcionada pela capoeira, que o Contramestre Juliano enfatizou pode ser percebida na fala da capoeirista Fabiana ao destacar que a capoeira transformou a sua vida para melhor:

A capoeira pra mim, sem palavras [...]. Eu sou outra pessoa [...] capoeira significa menos droga, menos pais preocupados. Eu vou falar pra você. A capoeira já me tirou de muita coisa ruim. Hoje eu posso falar que sou professora de capoeira com muito orgulho, muito orgulho mesmo [...] (MARTINS, 2017).



Os capoeiristas entrevistados são unânimes em acreditar que a capoeira contribui na formação pessoal na medida em que ensina as crianças e jovens a ter disciplina e respeito aos seus pares:

A capoeira me ensinou e ensina [...]. Primeiro o respeito, aos meus superiores, a hierarquia que nós desenvolvemos, que a capoeira tem [...]. A capoeira ela só me aprimorou isso [...]. Tudo aquilo que eu pensava sobre questão de como viver, como viver entre família e sociedade e as instituições de ensino e trabalho. E nossas regras também; então na capoeira você não deve desrespeitar, não deve brigar. Porque antes de ser um bom capoeirista, nós queremos formar um bom cidadão, pra sociedade (SANTANA, 2017).

Aprendi muito com a capoeira em termos de bem estar, de conhecimento, focar mais nas coisas, alguns puxões de orelha do meu professor. A gente vai aprendendo a viver, vendo a capoeira como esporte ao mesmo tempo um aprendizado de vida... A capoeira ela é muito importante na sociedade porque ela agrega valores, educação, disciplina, a capoeira tira as crianças das drogas. Às vezes tem uma pessoa, tem uma criança tímida, a capoeira tira a timidez da criança, melhora a coordenação motora, o equilíbrio devido os movimentos que nós trabalhamos de alongamento, o foco, reflexo. Isso ajuda os pais, porque nós trabalhamos principalmente a educação, sempre dizendo: vocês tem que respeitar os pais em casa, respeitar seus colegas, ser companheiro, respeitar os pais, respeitar seus professores [...] (NASCIMENTO, 2017).

Para outros capoeiristas, além de ensinar a ter respeito pelos seus pares; a capoeira ensina a humildade, a ética e a sabedoria:

A capoeira contribuiu bastante, começando na formação pessoal. Se tornar um cidadão, ser um homem. Questão do respeito, você saber respeitar as pessoas, você saber tratar bem as pessoas, saber conversar com as pessoas, saber ouvir. E principalmente, ter humildade, abaixar a cabeça na hora que tá errado, capoeira me ensinou. Reconhecer seu erro, pedir desculpa a alguém. Ter humildade, a capoeira me ensinou. E uma questão assim, de ética que também proporcionou demais. Pra mim a capoeira ensinou bastante, muita sabedoria (VIANA, 2017).



O Mestre Fumaça, destaca que a capoeira contribuiu para sua construção identitária, elevando sua auto-estima:

A capoeira pra mim... quando eu conheci a capoeira eu conheci minha verdadeira identidade. Quando eu saí daqui de Arraias eu tinha vergonha de mim, tinha vergonha do meu pai, tinha vergonha da minha mãe por eles ser negro. Porque negro aqui não valia nada, era como um cachorro. E quando eu conheci a capoeira, eu conheci minha verdadeira identidade, melhorou até minha forma de olhar, pois eu tinha vergonha de levantar as vistas. Então quando eu conheci a capoeira eu vi que eu não tinha que ter vergonha de ter nascido negro, muito pelo contrário, tinha que me orgulhar de ser negro [...] (MOURA, 2018).

A Professora Silvinha Pena considera que o maior ganho proporcionado pela capoeira é o espírito coletivo:

Primeira questão que eu coloco é o fator que ela tem de agregar, de reunir as pessoas, de trazer para a coletividade, as crianças saberem que sozinha ela não faz um jogo, que é uma modalidade coletiva. Para mim o maior ganho que a capoeira trás é esse espírito coletivo, isso para a educação é muito bom porque tira essa questão individualizante demais [...] (MOURA, 2018).

Ainda dentro do aspecto das diversificadas configurações a pesquisa evidenciou que os grupos de capoeira desenvolvem diversas outras ações de caráter social, visando, entre outras coisas, o fortalecimento das suas relações com a comunidade. Vale destacar a forte atuação da Academia Tambor Capoeira com as ações relacionadas a musicalidade, por meio das bandas de músicas, orquestra, flauta doce e violão. Em Dianópolis os capoeiristas da Academia Tambor Capoeira realizavam trabalho com a capoterapia com pessoas idosas e com os alunos da Apae. E também articulam a capoeira com educação ambiental:

O ano passado e esse ano a gente fez, ali tem um rio que passa bem no meio da cidade, então a gente pegou os alunos para mostrar a natureza e recolher os lixos e é um trabalho que a prefeitura também apoia. No dia que a gente foi



catar o lixo nesse rio, dá um apoio necessário [...]. Fizemos umas três vezes [...]. A gente nem planejou assim um nome, a gente falou 'vamos limpar a poluição, vamos limpar o rio'. Aí tem o Getúlio, antigamente o povo bebia água, lavava. [...] Hoje ele nem existe mais de tanta poluição. Então a gente pega os alunos, nós vamos mostrando a importância de cuidar, de preservar a cidade, [...] (ALCÂNTARA, 2017).

O Grupo Santa Geração, na cidade de Ponte Alta do Bom Jesus realizava trabalho social com pessoas idosas, por meio da capoterapia.

A Associação Cultural Chapada dos Negros, em Arraias, realizou ações com mulheres idosas, por meio do Projeto Ginga Mulher e capoterapia. O Professor Foca, da Associação Chapada dos Negros assinala que além de ensinar capoeira, também ensina os alunos a cuidarem da cidade, no aspecto ambiental:

[...] Em Novo Alegre e Lavandeira, já comecei, fiz duas coletas de lixo. Uma vez por mês eu pego os alunos da capoeira todos eles, porque eu não trabalho só a capoeira, trabalho também como cuidar do meio ambiente. Eu pego os alunos tudinho que é da capoeira a gente sai na cidade com saquinho de lixo catando os lixos da cidade e aí a gente vai transmitindo [...], como é a cidade limpa [...] (SANTOS, 2017).

Como já foi dito, o Mestre Geléia realiza um trabalho articulando a capoeira com a música. Os capoeiristas destacam que o trabalho social do referido mestre sempre fortaleceu a valorização das manifestações culturais afro-brasileiras, tais como ciranda, rapper, hip-hop, suça, bumba-meu-boi, banda de música, escola de samba, afroreggae, flauta doce, teclado e violão.

Diante de tais narrativas, observa-se, a necessidade de realizar ações com a perspectiva de sensibilizar os gestores públicos para o reconhecimento e a valorização da capoeira enquanto patrimônio cultural local/nacional; e também como referência para o município, e políticas públicas municipais e estadual direcionadas para a capoeira.



Os Mestres e os sistemas de graduações da região Sudeste do Tocantins

No campo capoeirístico os mestres e seus aprendizes: contramestre, mestrando, professores, monitores, instrutores e alunos são atores da maior importância. O Mapa 4 (veja na página seguinte) apresenta a distribuição espacial na Região Sudeste, das três etapas finais do sistema de graduação: mestre, mestrando e contramestre.

Observamos durante a pesquisa de campo que o título de mestre é um tema muito debatido. Os Grupos de Capoeira identificados adotam o sistema de graduação com base na troca de corda para conceder o título de mestre. Há uma unanimidade em considerar o mestre de capoeira como o personagem principal na afirmação e promoção desse bem cultural, sendo considerado o detentor do saber que possibilita a transmissão do conhecimento.

Para ser mestre precisa passar por um longo processo de aprendizado, que dura aproximadamente vinte anos, variando de grupo para grupo. Na concepção dos mestres/capoeiristas que foram entrevistados, para ser mestre é preciso saber cantar, tocar os instrumentos, conhecer a história e as vertentes da capoeira, os toques, as sequências do jogo, ser humilde, ter serenidade, ser conhecido e reconhecido pela comunidade capoeirística e pela sociedade. É recorrente na fala dos entrevistados que o processo de preparação para tornar-se mestre deve ser longo, ou seja, que é necessário tempo de maturação para se constituir um mestre. Tempo para adquirir conhecimentos, sabedoria e ser merecedor do título. Nas narrativas dos capoeiristas, além de precisar passar pelos distintos níveis de graduação, aprender as técnicas de movimentação e os fundamentos da capoeira, saber a história da capoeira, cantar e tocar os instrumentos, o

Mapa 4: Distribuição de graduações em municípios da Região Sudeste

GRADUAÇÕES

 Mestre, Mestrando e Contramestre

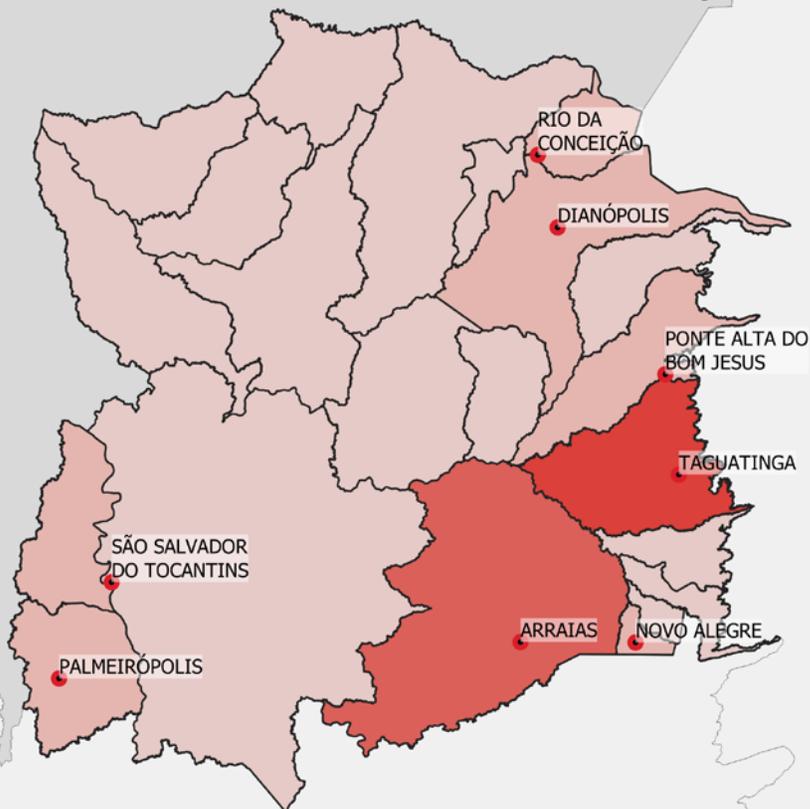
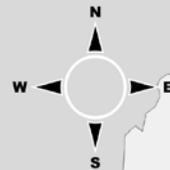
 Mestre e Mestrando

 Contramestre

 Outras graduações

 Limite de município

 Sede de município



I Etapa: Mapeamento da Capoeira no Tocantins - Região Sudeste.

DATUM: SIRGAS 2000.

Fonte: IBGE 2020; Org. Pesquisadores do Projeto.

Elaborado por LIMA, Pablo A. P., 2021.

Adaptado de SANTANA SOBRINHO, O. S., 2018.





mestre é uma pessoa que por meio de experiências e vivências, ao longo do tempo, acumulou conhecimentos e por isso merece ser reconhecido e respeitado.

Olha, eu no meu ponto de vista eu acredito que são vários fatores que precisam ser atingidos. Primeiro assim, eu acredito que tem que ter maturidade. Tem que ser detentores dos conhecimentos, conhecimentos dos ritos, conhecimento não somente do rito da capoeira, mas da vida também para passar para os seus alunos, para direcionar. Porque para você se tornar um mestre de capoeira você tem que conhecer, saber perfeitamente o que é ser um líder, porque você torna-se um líder, você torna-se um líder daquele grupo [...] (SILVA, 2017).

Alguns capoeiristas destacaram que o mestre precisa ter história e desenvolver bom trabalho para ser reconhecido pela sociedade:

Para o cara chegar a mestre ele tem que ter uma história. Tanto na capoeira, tanto na sociedade, um trabalho prestado, porque assim, muitos, hoje tem muitos caras novos que é mestre, mas ele não tem a formação. Tá tendo muita briga no grupo justamente por causa disso, porque tem uma condição de você ser mestre de capoeira, você tem que ser reconhecido primeiro pelos capoeiristas, depois passar pra sociedade serviço prestado, reconhecimento, respeito, acho que tudo isso (SILVA, 2017).

O Contramestre Caverna destacou que o mestre precisa ser uma pessoa responsável com a família, com a sociedade, com a imagem dele e também é necessário buscar uma formação universitária, “além da capoeira para também ajudar na formação de mestre”.

Observamos que há uma posição crítica com relação a formação de mestres muito jovens, expressando insatisfação e preocupações em muitos capoeiristas. Observamos que alguns capoeiristas mostram descontentes com os encaminhamentos de alguns grupos, no tocante a rapidez para se reconhecer o mestre.

Uma das preocupações é que nem todos que estão se tornando mestre jovens tem condições para ser mestre. O Professor Jabuti salienta



sobre a diferença do mestre que forma cedo para um mestre que demora mais tempo:

Eu vejo assim, os capoeiristas aí formando muito cedo e a gente vai conversar com certas pessoas que tão formando a mestre de capoeira muito jovem, você vê que ele não tem aquela conversa de mestre [...]. Eu acho que quando você conversa com um mestre de capoeira só o jeito dele conversar, as palavras que ele transmite para você, você sente que ele tem um conhecimento de mestre [...]. Eu vejo assim, pelo os que eu já conversei bastante, tem muitos mestres que a gente sente prazer em conversar com ele, não só na parte da capoeira não, mas assim nos conhecimentos da vida da gente mesmo [...] (MARTINS, 2018)

Observamos que os mestres jovens são desacreditados. Na concepção de alguns, são falsos mestres, devido ao fato de não ter seguido o ritual a risca.

As graduações de mestre, contramestre ou mestrando, professor, instrutor, monitor e aluno são utilizadas por todos os grupos identificados. Todavia, não há uma padronização das graduações quanto ao número, a sequência e as cores das cordas. Da mesma forma que o tempo base para a troca de cordas também é variável de grupo para grupo, isto é, a estrutura hierárquica da capoeira varia de grupo para grupo.

Embora não haja padronização no sistema de graduações, mas de modo geral são semelhantes. A maioria dos grupos adota o sistema de graduação infantil, adulto e estagiário. Sendo o sistema infantil até 13 e/ou 14 anos, o adulto a partir de 15 anos e o estagiário no caso de capoeirista transferido de outro grupo. Em alguns grupos como, Miscigenação Brasil, Tribo Arte, Santa Geração e Tagua Arte e Ginga, os mestres passam por Estágios e/ou Graus.

O número de cordas de graduação até chegar ao título de mestre também é variável, assim como as cores das cordas, conforme pode ser verificado no Quadro 4, na página seguinte.

Observa-se que alguns grupos de capoeira, o número e a cor da corda são convergentes; a exemplo dos três grupos da cidade de Tagua-



tinga: Miscigenação Brasil, Cultura Brasil e Tagua Arte e Ginga; que são ligados ao Mestre Foguim, de Barreiras (BA). Também, o Grupo Chapada da Lua, e a Associação Cultural Chapada Negros adotam o mesmo sistema de graduação. E os Grupos Capoeira Nagô e Guardiã de Capoeira também convergem entre si.

Quadro 4: Graduações e Cores das Cordas de Mestre – Região Sudeste, 2018.

	Nome do Grupo	Quantidade de Cordas	Cor da Corda do Mestre
1	Academia Tambor Capoeira	16 ^a	Branca
2	ALEM da Capoeira	12 ^a	Branca
3	Ass. Desp. e Cult. de Capoeira Santa Geração	22 ^a	Branca com Brasão de Ouro
4	Ass. Desp. e Cultural Guardiã de Capoeira	15 ^a	Preta
5	Associação Cultural Chapada Negros	12 ^a	Vermelha
6	Assoc. de Capoeira Tagua Arte e Ginga	13 ^a	Branca
7	Associação de Capoeira e Cultura Raízes	18 ^a	Vermelha
8	Azibo Capoeira	16 ^a	Branca
9	Capoeira Falcão	14 ^a	Vermelha
10	Capoeira Nagô	15 ^a	Preta
11	Centro de Arte Cultural	11 ^a	Branca
12	Chapada da Lua	12 ^a	Vermelha
13	Cultura Brasil Capoeira	13 ^a	Branca
14	Miscigenação Brasil Capoeira	13 ^a	Branca
15	Tribo Arte Capoeira	21 ^a	Vinho/Branca

Fonte: Resultados da Pesquisa da I Etapa do Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

Conforme já foi mencionado, a pesquisa identificou quarenta e seis detentores, sendo que de acordo com o sistema de graduação de cada grupo, são: cinco contramestres; quatro mestrados; onze professores; quatro monitores; quatro instrutores; quatro formados; seis graduados; quatro alunos, um em situação de estagiário e três mestres de capoeira: Geléia,



Fumaça e Testa. Todavia, como já mencionado, este último não se disponibilizou a conceder informações para o mapeamento.

Mestre Geleia

O Mestre Geleia iniciou na capoeira na cidade de Caruaru, na década de 1980, com os professores Silvio e Everaldo⁸.

Eu sou natural de Caruarú no estado de Pernambuco e iniciei a capoeira em 1982, aprendi a capoeira com os discípulos de um mestre de São Paulo a qual eles retornaram de São Paulo de férias, um deles ficou e lá eu conheci a capoeira e comecei a treinar capoeira com Everaldo Florêncio de Oliveira, que é o mestre Pintado e aí depois formei a professor de capoeira em 1987. Em 1992 eu vim para cá, para o Tocantins, mas já vim formado como professor de capoeira. E aqui no Tocantins eu vim para desenvolver um trabalho com a banda de música da PM. E em seguida eu comecei a me envolver com a capoeira aqui do Estado (SILVA, 2017).

Em 1992, o Mestre Geléia chegou ao estado do Tocantins e foi morar em Arraias, conheceu o Mestre Fumaça e filiou-se a Associação Chapada dos Negros. Depois criou o Grupo Balé Capoeira Brasil⁹ e atuou nas cidades de Arraias, Dianópolis e São Domingos conforme relata a seguir:

Em Arraias, eu conheci o Mestre Fumaça, me afiliei ao grupo do Mestre Fumaça, passei um ano mais ou menos filiado ao grupo do Mestre Fumaça como professor, mas daí eu achei por bem de criar um grupo meu mesmo com outros direcionamentos de metodologia de ensino. Então eu criei um grupo aqui de capoeira em 1994 chamado Grupo Balé Capoeira Brasil, aqui na cidade de Arraias e atuei aqui na cidade de Arraias e Dianópolis [...]. E também desenvolvi um trabalho na cidade de São Domingos de Goiás (SILVA, 2017).

8 De acordo como o Mestre Geléia, os professores Silvio e Everaldo aprenderam capoeira em São Paulo, com o Mestre João Ferreira, na década de 1970.

9 De acordo com o Mestre Geléia o Grupo Balé Capoeira Brasil foi criado em 1994 “ele existiu aqui no Tocantins no período de 1994 a 2000. Aí esse grupo ainda existe só que quem toma conta desse grupo é o Mestre Macaiba, na cidade de Caruarú (PE)”.



Em 1997 o Mestre Geléia afiliou-se a Academia Tambor Capoeira. Em 2000 foi morar em Dianópolis, dando continuidade aos trabalhos pela Academia e além disso criou lá o Centro de Arte Cultural:

Em 2000 eu recebi um convite para formar a banda de música municipal da cidade de Dianópolis. Aí quando eu fui para lá, eu desenvolvi o trabalho com a Academia Tambor de capoeira na cidade de Dianópolis durante um bom tempo. Lá em Dianópolis eu criei o Centro de Arte Cultural e esse Centro de Arte Cultural ele tem o objetivo de ser um laboratório de pesquisa, a casa da capoeira, minha intenção sempre foi essa de ter um acervo de pesquisa (SILVA, 2017).

Conforme mencionado na citação anterior, o Mestre Geléia criou o Centro de Arte e Cultura, em Dianópolis, com o objetivo de compreender a capoeira como uma prática cultural que precisa ser investigada e documentada:

Criei o Centro Cultural, Centro de Arte Cultural e esse Centro de Arte Cultural tem o objetivo de ser um laboratório de pesquisa, a casa da capoeira. Minha intenção sempre foi essa de ter um acervo de pesquisa. Porque? A gente diante da capoeira a gente se depara com várias abordagens, [...]. E aí nós temos essas evidências a ser pesquisada, tem muitas coisas, o acervo lá contém coisas sobre o cangaço. E muitas outras coisas, vinis, muitos vinis que hoje não tem mais no mercado, que alguns foram remasterizados na íntegra, outros não, pegaram só alguma faixa A, faixa B e nós temos um acervo lá de mais ou menos uns 25 vinis de capoeira, nós temos um acervo de 50 fita cassete, sabe? Aquelas fitinhas cassete que antigamente quem tinha uma fita cassete daquela com as musicalidades da capoeira era rico, né? Porque era detentor dos cancioneiros que estava rolando na atualidade e a gente guardou isso aí tudinho, tá tudo guardado. Muitos livros, muitos documentários, vídeos. Então assim, é para ser um canto de pesquisa mesmo, o objetivo foi esse [...] (SILVA, 2017).

Mestre Geléia foi reconhecido como mestre em 2011, pelos Mestres Tambor e Squisito. Mestre Tambor é discípulo do Mestre Squisito.



O Mestre Squisito foi formado pelo Mestre Tabosa, do Distrito Federal. Mestre Tabosa é discípulo de Mestre Arraia. E Mestre Arraia foi aluno de Mestre Bimba.

É recorrente na fala dos capoeiristas o relevante trabalho desenvolvido pelo Mestre Geléia, no campo da capoeira e da música:

Hoje a capoeira tá evoluída por causa do mestre Geleia. Esses 12 anos que ele passou aqui em Dianópolis. Então ele mostrou trabalho, a filosofia dele pra sociedade, a sociedade compreendeu isso e hoje graças a Deus o povo vê a capoeira aqui bem vista, pela sociedade e pelo poder público também [...] (ALCÂNTARA, 2017).

Em 2015, Mestre Geléia retornou para a cidade de Arraias, na qual passou a desenvolver trabalho com a capoeira no Colégio Militar.

Em 2017 o Mestre Geléia desfilou-se da Academia Tambor Capoeira e fundou o Grupo Capoeira Centro de Arte com ações nos municípios de Dianópolis e Arraias.

Mestre Fumaça

O Mestre Fumaça é natural de Arraias, mas iniciou na capoeira na cidade de Brasília, no final da década de 1970, com 15 anos de idade. Ele lembra a primeira vez em que ouviu o “[...] som de São Bento de Angola, [...], fiquei olhando e me apaixonei pela capoeira e nunca mais parei”. Iniciou a formação com o Mestre Barto, da Associação Capoeira São Bento Pequeno:

Quando eu cheguei que ele estava, me matriculei, perguntei pra ele "o que era aquilo?", ele disse que era a capoeira, que eu não conhecia e eu fiquei encantado, perguntei a mensalidade e perguntei os dias de treino. [...] me matriculei, na terça-feira já iniciei na capoeira, com três meses fiz o primeiro batizado de capoeira, [...] E eu nunca tive outra linhagem, fora do Mestre Barto. Então sempre foi minha linhagem, foi me graduando, me graduando (MOURA, 2018).

O Mestre Fumaça destacou que com oito meses de formação ele já participava de roda de capoeira em Brasília, nas rodas de ruas, no dizer dele “uma capoeira que era aberta, grosseira e que partia para cima”, conforme descreve:



Eu comecei a entrar em duelo com os capoeiristas de fora, da asa norte, da asa sul, do lago sul que eu era de lá da periferia e tinha esse conflito. Eles partiam pra cima eu quebrava mesmo. Já aconteceu de bagunçar alguns eventos por força também da pessoa que treinava, que eu treinava com ele, mandava ‘vai lá e confere’. Chegava lá os caras queria dar em mim, só que não dava, aí fazia roda de 10 assim, eu ia e jogava com um por um, todo mundo, no final os caras ficava tudo amigo meu (MOURA, 2018).

O Mestre Fumaça informou que no início da década de 1980, participou de competições brasileiras, sendo vencedor. Ele recorda que naquele contexto praticava capoeira com o Mestre Cal, devido a distância da sua residência para a Academia do Mestre Barto e a falta de dinheiro para o transporte, e para facilitar a continuidade do seu aprendizado, o Mestre Barto direcionou-o para ser acompanhado pelo seu discípulo [Mestre Cal] da Associação Capoeira São Bento Pequeno. O Mestre Fumaça destacou que a dificuldade financeira sempre foi um obstáculo na sua formação, impedindo de participar das competições:

No brasileiro em São Paulo eu não consegui ir porque não tinha recurso, fiz até reportagem naquele Brasil Urgente. Aí um dia estava acontecendo a décima grande roda brasileira de capoeira em Brasília, no ginásio Cláudio Coutinho e o Mestre Cal se inscreveu para participar só que aí na hora dele ir, ele pediu que eu apresentasse e eu fui. Participei de duas lutas, ganhei as duas lutas e perdi a terceira. Em 1984 teve de novo, proibiu de eu participar, só que eu entrei com mestre Pesão e o Zé Cláudio. Entramos os três, os dois perderam e eu continuei e fui campeão brasileiro na época [...] (MOURA, 2018).

Em meados da década de 1980 com a corda de professor, o Mestre Fumaça retornou para a cidade de Arraias, devido aos problemas de saúde do seu pai, pois precisava dar um suporte a sua mãe no cuidado com o pai. Ao retornar para Arraias abriu a academia nominada Academia Jamaica e iniciou os trabalhos com a capoeira cobrando mensalidade. Depois de algum tempo a academia passou a chamar Academia Berimbau de Ouro.



Eu e o Joãozinho para começar o trabalho aqui em Arraias, hoje é o mestre Tucano lá de Brasília. Saímos de lá e viemos para cá, para Arraias dá aula, começamos o trabalho [...]. Tinha um cômodozão grande de "Efraim" e ele cedeu pra nós. Aí botamos o nome da Academia, quando eu cheguei pra cá eu era rasta, tinha o cabelão, o nome da Academia era Academia Jamaica. Aí depois eu mudei para Academia Berimbau de Ouro [...] (MOURA, 2018).

Por volta de 1988, o Mestre Fumaça decidiu mudar o nome do grupo para Associação Cultural Chapada dos Negros, visando fortalecer a identidade cultural de Arraias.

O Mestre Fumaça destacou que com o tempo foi expandindo o trabalho da capoeira para outras cidades do Sudeste do Tocantins e Nordeste Goiano, como: Novo Alegre, Lavandeira, Campos Belo, Taquatinga e Monte Alegre de Goiás.

A sua formação esteve ligada a orientação do Mestre Cal até se formar como professor de terceiro grau. Depois retornou à orientação junto ao Mestre Barto e em 1992 recebeu a corda de mestre e em 2017 recebeu a corda de mestre de segundo grau. Na trajetória da Associação Chapada dos Negros desenvolveu diversos projetos e ações e participou de vários editais de financiamentos, recebendo algumas premiações.



Capoeiras praticadas e suas formas de transmissão

Em linhas gerais duas modalidades de capoeira são praticadas na Região Sudeste: Angola descendente de Pastinha e a Regional descendente de Bimba. Alguns capoeiristas disseram praticar a Capoeira Contemporânea; embora seja destacada como um estilo diferente, se utiliza de elementos das duas modalidades já consagradas nacionalmente. É recorrente no discurso a referência aos Mestres Bimba e Pastinha, sendo motivo de orgulho pertencer à árvore genealógica destes mestres antigos que se notabilizaram pelo importante papel que desempenharam na capoeira.

Tanto Bimba quanto Pastinha são sempre lembrados como marcadores identitários do tipo de capoeira praticada, “a gente tenta se aproximar o máximo do mais próximo do que foi ensinado pelo Mestre Bimba e anteriormente a ele o Mestre Pastinha”. Dessa maneira, alguns capoeiristas se auto-identificam como de Capoeira Regional e outros como Angoleiros.

O Contramestre Juliano assinalou a dificuldade de afirmar ser de uma única linhagem, destacando que pertencer a uma determinada linhagem é necessário seguir toda uma metodologia que a linhagem exige, conforme podemos observar:

Então assim, eu não posso hoje definir o nosso grupo como Capoeira Regional porque no meu entendimento a capoeira é livre, ela não pode ter uma linhagem, eu não posso chegar para os meus alunos hoje e falar assim não, nós vamos fazer Capoeira Regional só porque ela é uma linhagem. Então você tem, quando você fala assim eu sou Capoeira Regional, você tem que seguir a linhagem da Capoeira Regional,



you cannot do Angola. You cannot have, you can have this berimbau, only one berimbau and two pandeiros, you have to know. Then today people do capoeira as it presents, Regional Capoeira, Angola Capoeira, people play everything. Here people have this freedom in the group, but, the strength of Academia Tambor Capoeira is Regional Capoeira that comes from Mestre Bimba, from Mestre Esquisito, that comes from Mestre Tambor, here comes Mestre Geléia, and here in front, understood? (SILVA, 2018).

Some capoeiristas highlighted that they do not define themselves as Regional or as Angoleiro, but in connection with both:

For me particularly people practice capoeira and in the trainings it stands out Regional Capoeira because we work the sequence of Mestre Bimba, but it does not prevent us from also working the movements that are practiced within Angola Capoeira. Then for this that I say like this, it is Regional because we have to have a belonging to identity, but we do not lose the link with capoeira mãe that is Angola Capoeira [...] (MOURA, 2018).

Mestre Geléia highlighted that she considers her capoeira practice as Contemporary, since she uses techniques from both capoeiras, but with resignifications and adaptations; highlighting that Mestre Bimba was a landmark in the development of capoeira, since this was prohibited and marginalized and Mestre Bimba managed to present a methodology of differentiated and systematized teaching.

According to the testimonies of some capoeiristas, it is in the interior of the roda, involved by the universe of musicality and touches of instruments, that is transmitted and perpetuated the knowledges, through rituals, practices and beliefs that are fundamental to this Afro-Brazilian art. The roda revives the transmission of knowledges of African peoples, which is done through orality.

Some capoeiristas highlighted that the transmission of the knowledge of capoeira is done orally, step by step:

Here it is step by step. First I go to work on balance, here after I go to work on the strikes, after people teach



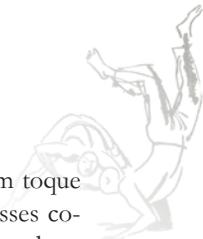
as defesas, depois vamos aprender o reflexo na roda, ginga, como jogar numa roda. Depois os fundamentos, o que a roda tá pedindo, o que o toque está pedindo. Com o decorrer do tempo a gente vai trabalhando, a partir da primeira, segunda corda, aí vai partir para a musicalidade, os toques também e a história, mais história [...] (RIBEIRO, 2017).

Outros capoeiristas destacaram que ensinam o que aprendeu do seu mestre, porém de modo diferente:

Tento passar muito conhecimento histórico da capoeira e da vida mesmo, cotidiana da cidade. Mostro que é uma luta, mas também é irmandade, a capoeira, todo mundo tem que respeitar um ao outro [...]. Eu passo conhecimento sobre defesa pessoal, sobre conhecimento da capoeira, fundamento da capoeira, princípios da capoeira, ética, tudo que engloba coisas boas a gente passa para nossos alunos [...]. O que eu aprendi estou passando para os meus alunos, só que de um modo diferente (ALCÂNTARA, 2017).

O Mestre Fumaça destacou a importância do ensinamento da capoeira, mostrando as diferenças de toque, do jogo, da ginga, dos instrumentos para que os alunos conheçam a história e aprendam diferenciar as capoeiras e quando o jogo pedir um ritmo ele saber como responder adequadamente, pois muitos gingam um tipo de capoeira, quando o ritmo, o toque pede outro. Então:

Eu penso assim, que a capoeira é uma sozinha. Agora o capoeirista ele tem que saber discernir as duas capoeiras. Ele tem que saber o que é de Angola e o que é de Regional, mesmo que ele não seja um Capoeira Angola, mesmo que eu não seja um angoleiro, [...]. Mas eu tenho que saber o que é a Capoeira Angola, eu tenho que saber o que é Regional. Eu tenho que passar isso para os meus alunos dessa forma, eu tenho que passar para os meus alunos o que é toque de Capoeira Angola e o que é toque de Capoeira Regional [...]. E eu tenho que passar para eles um treinamento, uma ginga, por exemplo de Angola, a ginga de Regional. Então uma música de Angola e uma música de Regional, você vê um camarada tocando o berimbau, tá aqui tocando um São Bento Grande ligeiro e cantando música de Angola



ou então cantando música de angola e tocando um toque que não é de angola, fora da música. Então são esses conhecimentos [...]. Eu tento fazer um pouquinho das duas, um pouquinho da Angola e um pouquinho da Regional. Não digo que eu sou exímio capoeirista Regional e não digo que eu sou exímio capoeirista Angola. Eu sei que eu sou capoeirista [...] (MOURA, 2018).

É recorrente na fala dos capoeiristas que a transmissão do conhecimento da capoeira é feito por meio das aulas teóricas e práticas, “a gente vai falando, praticando [...] e assim passando em treinamentos”.



Musicalidade da capoeira: novos elementos, cantos e toques

A musicalidade é parte integrante e indispensável da capoeira. Os cantos e as ladainhas, regidas pelos sons do berimbau, do atabaque, do pandeiro entre outros instrumentos, exaltam a história de luta e de resistência dos negros no Brasil.

Os praticantes disseram que costumam cantar as músicas e toques que os mestres mais antigos cantavam e tocavam e que são do domínio público do universo da capoeira, como o coro, as ladainhas, São Bento Grande, São Bento Pequeno e benguela. Destacaram que são muitas músicas que são cantadas e tocadas e varia de acordo com o tipo de capoeira, conforme esclarece o Graduado Baiano, do Grupo Capoeira Nagô:

Tem várias músicas que falam dos mestres, então quando a gente toca a Capoeira Angola é música que o mestre Pastinha cantava. A Capoeira Regional, Capoeira Contemporânea, as músicas da Benguela, são músicas que Mestre Bimba cantava, outros nomes, outros mestres renomado do Brasil fizeram outras músicas, outras canções, outras melodias, a gente usa no jogo, tanto no jogo de São Bento Grande, quanto no jogo de Benguela [...] (NASCIMENTO, 2017).

Outros capoeiristas destacaram que a música é conforme o jogo:

A música vai de acordo com o jogo, se você tá Angola você vai ter que jogar, cantar música naquele ritmo da Angola. Se você vai fazer uma regional, você tem que cantar música que é quadra, corrido na tradição. E quando parte para outra capoeira contemporânea aí você faz o ritmo de acordo (SANTOS, 2017).

O Monitor Fernando, do Santa Geração salientou que muitos ca-



poeiristas do seu grupo são evangélicos e que fazem algumas adequações nas músicas, acreditando que é importante ensinar aos seus alunos a mensagem de Jesus Cristo, por meio das músicas:

Tem uma que a gente diz que é Santo Antônio protetor, você troca o Santo, colocando 'Jesus Cristo é protetor da barquinha de Noé'. Então antigamente essa música era cantada assim 'Santo Antônio é protetor da barquinha de Noé'. Então trocou Santo por Jesus Cristo. Então você está levando expressão melhor pro teus alunos. Você não está ensinando os seus alunos a fazer parte de religiões, você está levando a Cristo, você está levando o amor de Cristo a eles (GUEDES, 2017).

O Mestrando Dena, do Miscigenação Brasil Capoeira destacou que no seu grupo diversificam a musicalidade, começando do toque lento até o mais acelerado:

A gente começa com um toque geralmente com Angola que é aquele rasteiro, bem lento, mais acrobático. E aí em seguida a gente vai subindo pra benguela, que é mais agitado um pouquinho, mais acelerado um pouco, [...]. Aí posteriormente, a gente vai subindo pra São Bento Grande, que já é mais acelerado, aquele toque bem contagiante mesmo (VIANA, 2017).

O Contramestre Juliano assinalou que eles “gostam de música curta que fala de coisas boas” [...]. (SILVA, 2017).

O Contramestre Leivyson, da Academia Tambor Capoeira destacou que o seu grupo pratica mais a benguela, como por exemplo, “quando berimbau tocar, quando vadiar oióiô, quando berimbau tocar [...]”. Ressaltando que a música que ele mais gosta e que simboliza a capoeira é paranauê:

A primeira mesmo que eu ouvi e que ficou marcada acho que para todo capoeirista que começa, [...]. Mas pra mim quando entrei é a 'paranauê', 'paranauê, paranuê, paraná'. Essa pra mim é a que marca a capoeira, que eu gosto [...] (ALCÂNTARA, 2017).

Alguns capoeiristas são repentistas e tem habilidade de criar mú-



sicas, a exemplo do Mestre Fumaça e Mestrando Urso Polar, da Chapada dos Negros, que improvisam músicas na roda, de acordo com o calor do momento:

Uma vez, eu cantei uma música bem legal na roda de capoeira, cheguei em casa, fui anotar, não dei conta mais de lembrar. Aí eu deixo vir naturalmente ali as que eu faço na roda. Mestre Fumaça também canta muito no improvisado na roda também [...]. Eu não consigo sentar ali fazer uma música de capoeira, só se for na roda de capoeira, todo mundo tocando, todo mundo batendo palmas [...] (COSTA, 2018).

O Mestre Geléia também nos informou que tem diversas músicas de autoria própria e gravadas no CD *Capoeira Mestre Geléia/Vem Balançar*. O CD *Vem Balançar* gravado no ano de 2011 é uma coletânea de 13 músicas, sendo a maioria de autoria do Mestre Geléia.

A pesquisa evidenciou que os bens materiais associados a musicalidade da capoeira são os instrumentos tradicionalmente utilizados no universo capoeirístico: berimbaus, pandeiros, agogô, o reco-reco e o atabaque. O Contramestre Caverna, do Grupo Santa Geração destacou que na maioria das vezes, na roda, utilizam um berimbau e dois pandeiros, e que em alguns momentos especiais utilizam, também, outros instrumentos como: atabaque, agogô e reco-reco:

Eu utilizo o berimbau e pandeiro [...]. Atabaque, uso só em alguns momentos, agogô, reco-reco, só em alguns momentos [...]. Quando eu vou fazer um evento, igual esse evento nós usamos, o reco-reco, atabaque (RIBEIRO, 2017).

O Professor Bolim, do Grupo Miscigenação, praticante da Capoeira Regional destacou que utilizam o atabaque, os berimbaus – gunga, médio e viola – e o pandeiro. O Contramestre Juliano, da Academia Tamboor Capoeira que também pratica a Capoeira Regional, apontou que utiliza berimbau, agogô, atabaque, pandeiro e reco-reco. O Contramestre Tião, do Grupo Além da Capoeira, que pratica a Capoeira Regional informou que o seu grupo utiliza o berimbau, o pandeiro e o atabaque.

Os praticantes foram unânimes em ressaltar que o berimbau é o instrumento mais significativo, pois “sem berimbau não tem roda de ca-



poeira”. “O berimbau é indispensável à realização da brincadeira da capoeira”. “Berimbau, eu gosto dele porque... Ah, ele é forte, né? Ele é bastante impositivo, ele é bastante significativo na área da capoeira, eu gosto [...]”. “O objeto mais especial nas rodas, nas apresentações é o berimbau. É o que comanda a roda, porque sem o berimbau não tem roda”. Essas frases pronunciadas pelos capoeiristas entrevistados expressam quão significativo é o berimbau. Talvez esse significado, faz com que todos aprendam o saber/confeccionar este instrumento. “Os berimbaus é a gente mesmo que sai na mata caçando as madeiras, as cabaças, a gente mesmo que fabrica os berimbaus e os pandeiros a gente compra [...]”.

A matéria-prima utilizada para fazer o berimbau são madeira, cabaça e o arame. “O arame nós tira de roda de carro”. Com relação a madeira a maioria utiliza o pau pereira. Alguns utilizam o guatambu e a peroba. Alguns dizem que a árvore (pau pereira) tem bastante na região; outros destacaram que “tem pouco, especialmente devido ao desmatamento que é grande no estado do Tocantins para atender aos projetos de monoculturas”.

O Contramestre Juliano, de Dianópolis salientou que ele sabe confeccionar e também ensina aos seus alunos; todavia, ele mesmo tira a madeira, não permite que os alunos façam porque eles ainda não têm o conhecimento:

O pau pereira a gente aqui, a gente já tem o período certo de arrancar elas, a gente tem o tamanho certo, o jeito de cortar. Geralmente é eu que vou tirar as madeiras, não deixo os meninos porque eles não tem esse conhecimento ainda (SILVA, 2017).

O Professor Jabuti destacou que para as crianças menores, ele ensina a montar o berimbau. E para as crianças maiores ensina desde o tirar a madeira:

Ensino eles montar porque a maioria são crianças [...]. Aí eles trazem a cabaça, aí eu faço um menorzinho para eles, para eles segurar. Aí eles levam para casa e já vão treinando em casa também [...]. Os maiores a gente já começa ensinar, vai para o mato e já mostra qual que é a madeira, o tamanho certo da madeira, a época boa de tirar a madeira. Por



exemplo, essa época de chuva mesmo agora não compensa você cortar madeira porque você tirar madeira agora com o tempo ela racha [...]. Época que tem bastante sol, mês de junho pra frente é a melhor época que tem e as cabaças já estão secas também. Essa época agora está tudo verde, aí você tira ela do pé agora verde, ela murcha, tem que esperar ela secar (MARTINS, 2018).

No município de Ponte Alta do Bom Jesus, o Contramestre Caverna destacou que a madeira “é abundante e a gente corta ela de uma maneira sustentável, a gente corta ela para ela brotar mais e dar mais madeira, não corta para matar a madeira”.

Quanto a cabaça alguns plantam a exemplo do Graduado Baiano de São Salvador: “Cabaça na nossa região ela é um pouco difícil, mas eu estou plantando [...]. E também o Graduado Marcha Lenta, de Pindorama, e o Mestrando Dena, de Taguatinga “eu planto cabaça lá na fazenda, lá do meu pai”.

Outros capoeiristas disseram que não plantam, mas ganham dos moradores do sertão.

Com relação ao pandeiro os capoeiristas não sabem fabricar; “a gente usa aqui é o industrializado”. Os outros instrumentos: agogô, o reco-reco, caxixi e o atabaque são adquiridos por meio da compra.

O atabaque, além do Mestre Tambor, identificamos dois capoeiristas que detêm o saber de confeccioná-lo: Mestando Badoqui, de Taguatinga e Professor Branco, de Novo Jardim. O Mestrando Badoqui, destaca que aprendeu por meio da internet:

Inclusive eu estou confeccionando já atabaques [...]. Já confecciono. Fiz um, está lá em casa, em Taguatinga e estou planejando fazer, mas para poder vender, né? para ver se ganho uns trocados [...] (RODRIGUES, 2017).

Em Novo Jardim, conforme já mencionado, o capoeirista autodidata e estudioso da capoeira, o Professor Branco, juntamente com seus alunos fabricam de modo artesanal todos os instrumentos, exceto, ainda, o pandeiro:

Desde o início que eu faço questão dos artesanatos da ca-



poeira. Foi no decorrer do tempo que eu fui aprendendo. Aí quando eu fui aprendendo, sempre eu convidava os meninos, ia fazendo e ensinando eles? Tem dois anos que a gente aprendeu a fazer quase de tudo. Antes mesmo eu só fazia o berimbau, [...]. Hoje nós fazemos o berimbau, o reco-reco, o agogô, [...]. O único que a gente nunca fez ainda foi o pandeiro, mas nós estamos em um planejamento de construir também, nós estamos com a meta de fazer todos eles, todos os instrumentos da capoeira, mas daqui para o final do ano [...] (SANTOS, 2017).

O trabalho exclusivamente artesanal do Professor Branco, expressa o sentimento do capoeirista-artesão e deslumbra pelo seu apuro técnico, sua delicadeza e riqueza de detalhes afrodiaspóricos. As produções artesanais são verdadeiras obras de arte, conforme pode ser verificado na foto a seguir:



Fonte: Resultados da Pesquisa da I Etapa do Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste. Fotos 5 e 6: MESSIAS, Noeci, nov., 2017.



Eventos que envolvem o bem cultural

Os rituais de batismo, troca de corda e formatura instituídos no campo capoeirístico estão bastantes presentes na capoeira da região, configurando-se em um momento da maior importância. Tais rituais são produzidos e organizados anualmente pelos grupos.

Todos os grupos identificados organizam e realizam eventos para graduar os seus alunos. Nos referidos eventos são realizados, os tão almejados batizados e as trocas de cordas, além de contar com a presença de mestres considerados ilustres e também outras práticas culturais articuladas a capoeira, como capoterapia, samba de roda, berimbalada, entre outras.

De acordo com os capoeiristas, organizar um evento é bastante oneroso. Todavia, todo esforço vale a pena em prol da visibilidade e valorização da capoeira. Dessa maneira, para fazer acontecer os eventos, os capoeiristas buscam apoio e patrocínios das mais variadas formas, como a realização de rifas, bingos, feijoadas, galinhadas, pedágio, buscam patrocínio junto a prefeitura e doações nos comércios e dos pais/mães dos alunos, captação de recursos por meio de editais, entre outros. Os depoimentos a seguir mostram as diversificadas estratégias utilizadas pelos capoeiristas organizadores dos tão almejados eventos:

Eu tentei arrumar patrocínio, mas o patrocínio que eu arrumei não deu nem para [...]. Eu fiz um orçamento com os vereadores e estipulei um tanto para cada um, só um que me ajudou, foi o Hilário que deu uma carne para assar. Aí eu peguei e saí falando, pedindo. Os mercados também ajudaram, o mercado Ponto Certo me ajudou nos refrigerantes, [...] e foi isso. Promovi feijoada, bingo. As mães dos alunos e os alunos todos saíram vendendo me ajudando. Então nós mobilizamos todo mundo para esse evento (RIBEIRO, 2017).



É, sempre foi através de patrocínio, quando chega a época do evento eu visto a minha (couraça) e corro atrás dos patrocínios, nunca foi fácil, [...]. Vai correr atrás de camiseta, vai correr atrás de calça, vai correr atrás de hotel, de cabaça, de vender uma coisa, de tentar transformar aquilo ali em renda para você dá conta de seu evento [...]. Ah, um evento desse você não gasta menos de 30 mil não, não gasta menos de 30 mil para fazer um evento não (MOURA, 2018).

Outros, a exemplo dos capoeiristas do Grupo Alem da Capoeira, nem sempre conseguem arrecadar o suficiente para cobrir as despesas do evento. E diante disso são obrigados a desembolsar do próprio bolso:

Evento que a gente faz aqui, tudo tem que ser do nosso bolso, apoio, você caça patrocínio é difícil. A prefeitura aruma só o espaço, mas a gente tem que arcar com as despesas, [...] por exemplo, comida, dormida. Aqui nós sempre alugamos o Instituto Paroquial, é muito caro. É 25 reais por pessoa, aí você imagina [...]. Aqui nós não fazemos um evento pra ter menos de 200 pessoas de fora. Então, você imagina. Por exemplo, tem vez que a gente faz uma rifa, ou as vezes alguém faz uma doação e a gente vende ou faz uma rifa dessa doação. Fora isso o mestre e eu que sempre estou à frente, que sempre estou ajudando ele, a gente tem que desembolsar uma quantia. Olha teve vez mesmo, que ele teve que tirar dois salários, que ele ganhava pra fazer acontecer o evento [...] (SANTANA, 2017).

O capoeirista Branco, do município de Novo Jardim destacou que nunca recebeu qualquer tipo de apoio e/ou patrocínio:

Praticamente todos os eventos apoio assim à gente não teve, sabe? O apoio que tive foi cada aluno, que correu atrás, tipo um ajudou com alimento, outro ajudou com dinheiro porque sempre no processo de formatura de capoeira tem que pagar a graduação, [...]. Então sempre os processos de batizado que teve cada aluno correu atrás de sua verba pra pagar o certificado e a graduação, entendeu? Mas assim apoio de terceiros não teve. Sempre a gente correu atrás, mas sempre falam 'não, não tenho (SANTOS, 2017).

Outros capoeiristas destacaram o trabalho voluntário e colaborati-



vo da comunidade e o apoio dos comerciantes e da igreja católica, salientando o descompromisso do poder público:

Assim, questão de espaço a gente sempre trabalha para servir com a Paróquia aqui, [...] pra alojar o pessoal porque lá já tem alojamento. São mais de 10 quartos e tem beliche, tem colchão, tem cozinha, cantina [...]. Esse ano pagamos lá o aluguel. Mas, ano passado a gente conseguiu de graça, [...]. A gente correu atrás, recebemos bastante patrocínio também. Aqui nós somos bem reconhecidos na cidade, graças a Deus, [...]. A comunidade também ajuda bastante. Os comerciantes, a maioria os comerciantes que colabora com a gente [...] dá um pacote de arroz, outro vai doando, aquela questão da alimentação a gente quase não gasta com isso, pois a gente recebe doação. Aí a parte da cozinha a gente sempre tem o pessoal voluntário. [...] O poder público aqui em Taguatinga infelizmente tá muito falho, muito falho [...] o poder público realmente está deixando a desejar (VIANA, 2017).

Outros, a exemplo do Contramestre Cachorrão ou Azul, conseguem patrocínio com fazendeiros e cantores:

A gente vai na iniciativa privada, aqui mesmo eu consigo patrocínio com os fazendeiros, com os cantores, pois aqui é a cidade do Henrique e Juliano, eles inclusive têm dado muito apoio pra nós, com Edison Reis que é o pai do Henrique e Juliano. Eu tenho conseguido com os empresários, conseguido também com os populares, pessoas comuns pra fazer os eventos (SANTOS, 2017).

A Academia Tambor Capoeira, em Dianópolis nos informou que sempre obteve apoio, ora pela então Secretaria de Cultura do Estado do Tocantins/Fundação Cultural, por meio de editais de fomento; ora da juíza titular, Sandra Nara Bernardo Silva, do Tribunal Regional Trabalho (TRT) de Dianópolis, além de outros não menos importantes, conforme pode ser certificado na fala dos capoeiristas a seguir:

[...] a gente trabalha aqui com a prefeitura, a gente tem o apoio do TRT que já temos quatro anos que ajuda a gente nesse evento, [...]. A gente tem o apoio do Colégio João de Abreu, nesse ano a gente conseguiu um espaço no Clube da



Melhor Idade, coisa que, já estou aqui há 18 anos e nunca a gente tinha conseguido entrar ali, mas esse ano a gente conseguiu quebrar essa barreira... É um clube da Melhor Idade que tem aqui, é um clube muito antigo que tinha aqui, aí eles retomaram, fizeram, só que é particular agora. Aí meu filho fazia um trabalho lá com a Capoterapia, voluntário lá e aí a gente conseguiu esse espaço lá [...]. A gente tem muita ajuda aqui (SILVA, 2017).

Eu sempre fiz meus eventos, quando eu estava lá em Dianópolis eu criei uma Associação Cultural para captar recursos, de que forma? dos editais do Estado, a Secretaria de Cultura do Estado, a Fundação de Cultura abria os editais e aí a gente elaborava um projeto, explicava, dava evidência, mostrava a veracidade do trabalho, sabe? a importância e fazia e sempre nós tivemos sorte de ser contemplado, graças a Deus. A FUNARTE, também nos ajudou, com instrumento para banda, coisa para a capoeira (SILVA, 2017).

Graças a Deus a gente tem muitos parceiros aqui, como o TRT, como a juíza Sandra, que ela sempre dá apoio pra gente. A prefeitura municipal, a polícia militar sobre a segurança e os pais dos nossos alunos. E o resto é eu e o Bicho do Mato mesmo que corre atrás. Quando o pessoal vem pra cá para os eventos da gente é hospedagem, camiseta, certificado, comida, confraternização tudo, tudo que tem direito. Ajuda com hospedagem também, ajuda com custos financeiros, o secretário de cultura também faz o possível para ajudar a gente. Tem os colégios municipais que oferecem os espaços também, o Colégio João de Abreu, na quadra do Colégio João de Abreu (ALCÂNTARA, 2017).

A pesquisa evidenciou que dos quinze Grupos de Capoeira identificados na Região Sudeste, na ocasião da pesquisa de campo, nove realizaram eventos, conforme descrito a seguir:

A Academia Tambor Capoeira realizou dois eventos na cidade de Natividade, sendo um em 2011 e outro em 2016. Na cidade de Arraias a Academia realizou um evento em 1999. No período de 2011 a 2013 o Mestrando Duia, de Taguatinga, foi filiado a esta academia, realizando dois eventos nesta cidade, nos anos de 2012 e 2013. Na cidade de



Dianópolis a Academia Tambor realizou quatorze eventos no período de 2002 a 2017. Os eventos realizados de 2002 a 2015 foram organizados pelo Mestre Geléia e a supervisão do Mestre Tambor. O evento de 2016 e 2017 foram organizados pelos Contramestres Juliano e Leivyson e o Professor Neidson com a supervisão do Mestre Tambor. Os eventos em Dianópolis, da Academia Tambor foram realizados sempre no mês de outubro. Há que se destacar, ainda que, em Dianópolis, foram realizados dois eventos, que antecederam aos que foram organizados pela Academia Tambor, sendo um no ano de 1995, realizado pelo Grupo Balé Capoeira Brasil, coordenado pelo Professor Edilson Lambretinha e supervisão do Contramestre Geléia e o outro evento foi realizado pelo Grupo Candeias, no ano de 1997, organizado pelos Professores Edilson Lambretinha e Batalha. Ressalta, ainda que além dos tradicionais eventos, a Academia Tambor Capoeira organizou e realizou dois Festivais de Cantigas de Capoeira, sendo o 1º FEC/CAPOEIRA – Festival Estadual de Cantigas de Rodas de Capoeira, em Palmas nos dias 15 a 17/11/2013; e o 2º FEC/CAPOEIRA – Festival Estadual de Cantigas Inéditas de Rodas de Capoeira, em Palmas, nos dias 19 e 20/12/2015.

O Grupo Além da Capoeira, da cidade de Taguatinga, organizou e realizou nove eventos, nos anos de 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017.

O Mestre Fumaça nos informou que realizou diversos eventos entre os anos de 1984 a 1995, todavia, não sabe precisar as datas e a quantidade de eventos realizados neste período. Ressaltou que, em 9 de junho de 1996 foi criada a Associação Chapada dos Negros e a partir daí, todos os anos foram realizados eventos. Durante a pesquisa documental encontramos registros dos eventos ocorridos em 2005, 2006, 2009, 2012, 2013, 2014, 2015, 2016 e 2017. De acordo com o Mestre Fumaça a Associação sempre realizou um evento anual. Nos registros documentais observamos que a identificação dos eventos não possui a sequência numérica adequada, por exemplo encontramos documentos/certificados em que está registrado o IX evento referente ao ano de 2006 e em outro está registrado o XIII, referente ao ano de 2009. Ou seja, no ano de 2009 o correto seria



XII evento. Fato semelhante observamos também nos documentos referentes ao XX evento de 2016 e XXII referente ao ano de 2017. Neste caso, o correto seria XXI em 2017. Diante desses dois desacertos identificados, verifica-se que a sequência numérica adequada e correta em 2017 deveria ser XX e não XXII. Além dos eventos realizados em Arraias, a Associação Chapada dos Negros realizou três eventos em Taguatinga, nos anos de 2002, 2003 e 2015. Em Lavandeira três eventos em 2000, 2006 e 2018. Em Novo Alegre seis eventos em 1994, 1996, 2000, 2001, 2006 e 2018.

O Grupo de Capoeira Santa Geração realizou um evento em Ponte Alta do Bom Jesus, em 2017. O Professor Branco, quando filiado ao Grupo Santa Geração, organizou e realizou três eventos, no município de Novo Jardim, nos anos de 2011, 2013 e 2015.

O Grupo Cultura Brasil Capoeira de Taguatinga realizou três eventos, sendo o primeiro em 2015, o segundo em 2016 e o terceiro em 2017.

O Grupo Miscigenação Brasil Capoeira realizou um evento, em Taguatinga, no ano de 2017.

Há que se destacar, ainda, a relevante atuação do Grupo Esquiva, do Mestre Tall, na cidade de Taguatinga, realizando importantes eventos nos anos de 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2008, 2009 e 2010. E também em Aurora e Combinado no ano de 1999.

O Graduado Marcha Lenta, do Grupo Azibo Capoeira, informou que realizou quatro eventos, na cidade de Pindorama, nos anos de 2008, 2009, 2010 e 2016.

O Grupo Capoeira Nagô realizou um evento, em outubro de 2017, na cidade de Palmeirópolis, organizado pelo Graduado Baiano e coordenação do Professor Jacarandá.

O Professor Jabuti, da Associação de Capoeira e Cultura Raízes, nos informou que realizou seis eventos no município de Santa Rosa, nos anos de 2006, 2007, 2008, 2014, 2015 e 2016, sendo que os dois primeiros foram realizados na Comunidade Quilombola Morro de São João, localizada no município de Santa Rosa.

No ano de 2017 foram realizados oito eventos pelos grupos, sendo a maioria em Taguatinga, conforme relacionados a seguir e também visua-



lizados no Mapa 5 (na página 85). Ressalta-se, ainda que nós pesquisadores participamos de alguns destes eventos, na ocasião da pesquisa de campo.

Quadro 5: Eventos realizados pelos grupos atuantes na Região Sudeste em 2017.

Data do evento	Organizadores	Município
26, 27 e 28 de maio	Grupo Alem da Capoeira	Taguatinga
09,10 e 11 de junho	Grupo Cultura Brasil Capoeira	
7 e 8 de outubro	Academia Tambor Capoeira	Dianópolis
14 e 15 de outubro	Grupo Miscigenação Brasil Capoeira	Taguatinga
27 e 28 de outubro	Grupo Capoeira Nagô	Palmeirópolis
12 de novembro	Grupo de Capoeira Santa Geração	Ponte Alta do Bom Jesus
17, 18 e 19 de novembro	Associação Chapada dos Negros	Arraias
18 e 19 de novembro	Assoc. de Capoeira e Cultura Raízes	Porto Nacional

Fonte: Resultados da Pesquisa da I Etapa do Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

Mapa 5: Localização de municípios com eventos realizados em 2017 - Região Sudeste

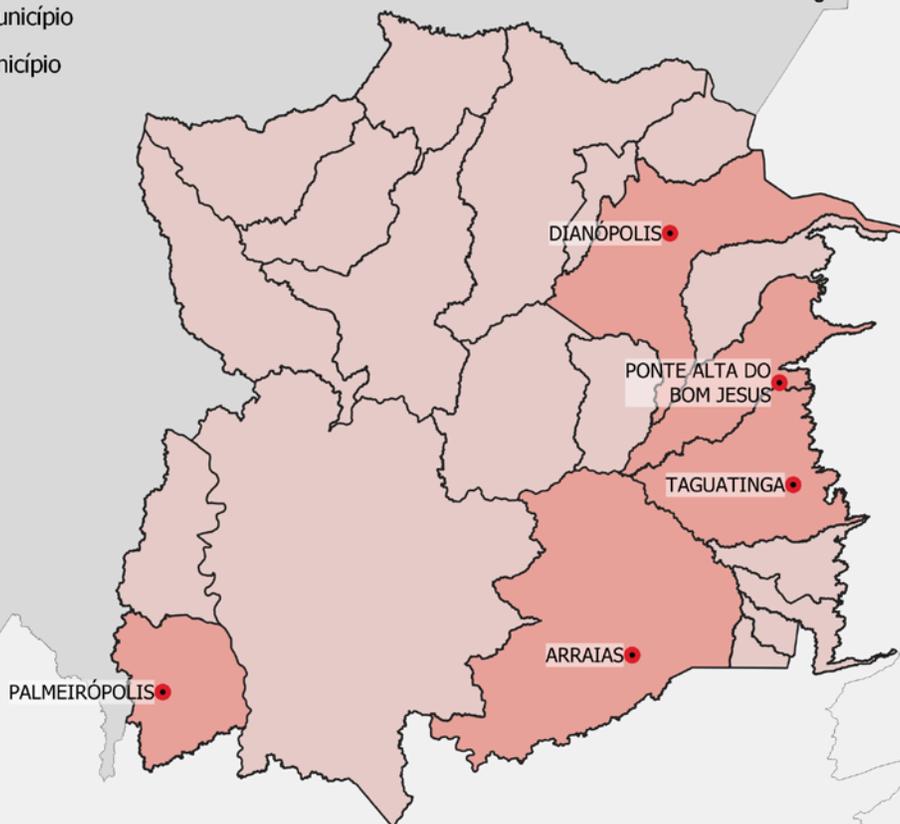
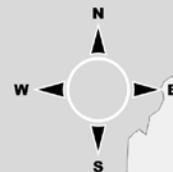
REALIZAÇÃO DE EVENTOS

 Realizou evento em 2017

 Sem evento

 Limite de município

 Sede de município



I Etapa: Mapeamento da Capoeira no Tocantins - Região Sudeste.

DATUM: SIRGAS 2000.

Fonte: IBGE 2020; Org. Pesquisadores do Projeto.

Elaborado por LIMA, Pablo A. P., 2021.

Adaptado de SANTANA SOBRINHO, O. S., 2018.

0 25 50 75 100 km





Espaços sociais ocupados pela prática da capoeira

A pesquisa revelou que na região sudeste do estado do Tocantins, as diversas cidades possuem espaços e lugares que são representativos da capoeira. Os lugares onde os capoeiristas marcam presença, divulgando e visibilizando à capoeira são espaços abertos, públicos e de uso coletivo como as praças, as feiras cobertas, as escolas, os ginásios de esportes, Centro de Referência e Assistência Social (CRAS), entre outros.

No mapa da página seguinte pode ser visualizado os lugares da capoeira identificados, nos municípios da Região Sudeste.

Os trabalhos de campo possibilitaram, aos pesquisadores, visitar os diferentes lugares das cidades onde os grupos de capoeira desenvolvem suas atividades. Para alguns, são espaços públicos disponibilizados para variados fins, para outros são espaços que abrigam instituições onde são desenvolvidos trabalhos de inclusão e assistência social e para os capoeiristas são lugares de sociabilidades e resistências que solidificam as relações identitárias com a capoeira.

Embora os espaços sejam abertos, públicos e de uso coletivo, em alguns municípios, os capoeiristas deparam com o controle desses espaços. Isto é, são proibidos de usar os espaços públicos, só sendo permitido mediante autorização do poder público.

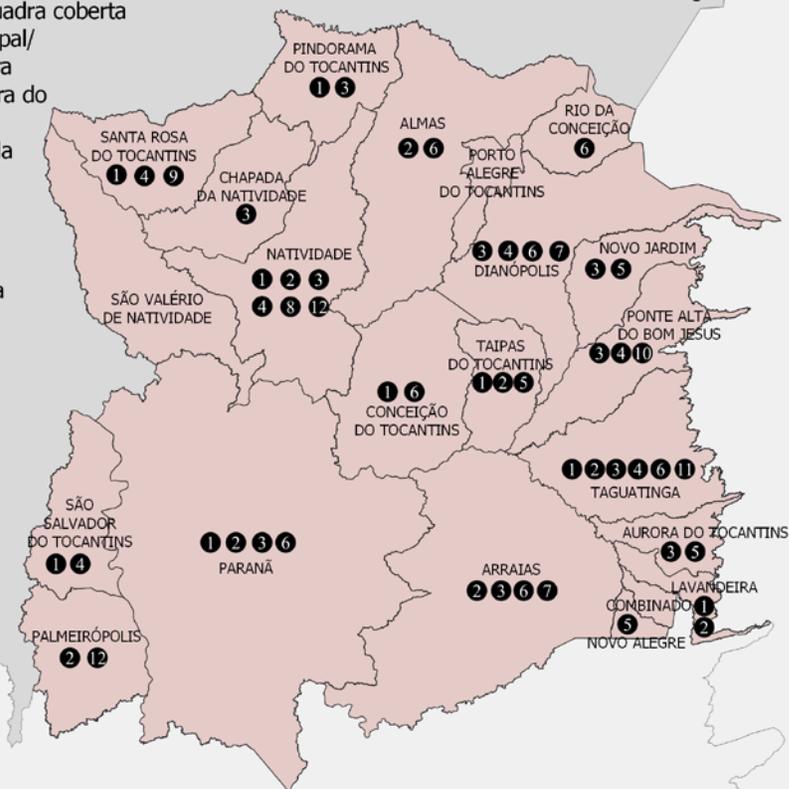
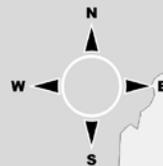
Diante as dificuldades com relação ao espaço físico para realizar os treinos e Rodas de Capoeira, muitos capoeiristas lamentam a falta de apoio, bem como as dificuldades de possuir o espaço próprio:

É muito difícil a questão de espaço. Nós não temos o espaço [...]. A gente queria o espaço próprio, pra gente criar uma academia. Porque a gente tem o espaço aqui no CRAS e

Mapa 6: Espaços de Capoeira em municípios da Região Sudeste

LUGARES DE CAPOEIRA

- 1 - Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)
- 2 - Escola pública
- 3 - Espaço de feira/Praça pública
- 4 - Espaços não identificados
- 5 - Outros prédios públicos da cidade
- 6 - Ginásio de esportes/Quadra coberta
- 7 - Museu Histórico Municipal/
Centro de Arte e Cultura
- 8 - Igreja de Nossa Senhora do
Rosário dos Pretos
- 9 - Comunidade Quilombola
Morro de São João
- 10 - Centro Comunitário/
Balneário
- 11 - Instituto Paroquial
- 12 - Centro de Convivência
do Idoso



I Etapa: Mapeamento da Capoeira no Tocantins - Região Sudeste.

DATUM: SIRGAS 2000.

Fonte: IBGE 2020; Org. Pesquisadores do Projeto.

Elaborado por LIMA, Pablo A. P., 2021.

Adaptado de SANTANA SOBRINHO, O. S., 2018.

0 25 50 75 100 km





tem um espaço na escola Maria Guedes [...]. Esses espaços, das escolas, também têm outras atividades, às vezes choca. Às vezes a gente tá fazendo capoeira, mas tem aqueles projetos do Mais Educação [...]. E aqui o espaço do CRAS, o espaço não é muito adequado por causa do piso. [...] Nós queríamos ter um espaço próprio. Uma própria sede assim que a gente pudesse tá reunindo pra fazer um treinamento [...]. (SANTANA, 2017).

Os espaços sociais ocupados pela prática de capoeira na Região Sudeste do estado do Tocantins são múltiplos e multifacetados e refletem as dificuldades já descritas neste trabalho.



Recomendações para salvaguarda

Diante do que a pesquisa mostrou, recomendamos que caberá ao Iphan, no âmbito de sua atuação e no limite de suas possibilidades, o desenvolvimento de ações prioritárias e de estratégicas visando à promoção, valorização e salvaguarda da capoeira na Região Sudeste do estado do Tocantins. Para tanto, destacamos a necessidade de estudos mais aprofundados acerca da capoeira nesta região, com levantamento histórico e documental mais alongado, de fôlego, inclusive, promovendo diálogo com capoeiristas que se negaram a conceder entrevista para este mapeamento, posto que consideramos de relevância suas contribuições para melhor compreensão da história da capoeira na referida região. Ou seja, um estudo sistemático que se detenha sobre as trajetórias históricas da presença de capoeiristas para além do que foi feito nesta pesquisa.

Promover ações para sensibilizar os gestores públicos (esferas municipal e estadual) quanto ao reconhecimento, promoção e valorização da capoeira e dos capoeiristas como detentores desse importante Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro, sobretudo quanto ao trabalho social voluntário que os capoeiristas desenvolvem.

Articular com o poder público municipal e estadual, visando a construir e/ou implantar políticas públicas para a garantia de espaços físicos indispensáveis ao desenvolvimento das atividades da capoeira, aproveitando prédios abandonados, Praças Públicas e/ou Centros Comunitários.

Promover campanha visando a intensificar o cadastramento dos capoeiristas junto ao Sistema Nacional da Capoeira (CNC).

Criação de um fórum ou rede, visando debater, refletir e deliberar sobre as políticas públicas (municipais, estadual e federal) e sobre diretrizes em prol da capoeira no estado do Tocantins.



Instituir/criar política de fomento e/ou captação de recursos, por meio de editais, com vistas à realização de estudos, pesquisas e ações, eventos e encontros e viagens para participar de eventos, manutenção dos espaços próprios etc.

Desenvolver ações de apoio técnico aos capoeiristas por meio de cursos de capacitação para formulação de projetos para captação de recursos e prestação de contas.

Criação do calendário estadual da capoeira, mencionando os eventos anuais de cada Grupo de Capoeira e inserção dos eventos da capoeira em cada município na Agenda Estadual como eventos tradicionais e de agenda cultural.

Criação de material didático para subsidiar os estudos da capoeira, apresentando informações, imagens e histórico das ações desenvolvidas na região/nos municípios.

Criação de um Centro de Documentação da Capoeira e/ou Espaço de Memória da Capoeira. Durante a pesquisa ficou evidenciado a dificuldade dos capoeiristas manterem os seus acervos documentais, com condições adequadas de armazenamento. Destaca-se que a UFT em seu Câmpus de Arraias, já possui um Centro de Documentação e Memória. Dessa maneira, poderia pensar na possibilidade de realizar um projeto/ação em parceria entre Iphan, Comitê de Salvaguarda, capoeirista e a UFT, para criação do Centro de Documentação e Memória da Capoeira da Região Sudeste do Tocantins junto ao Câmpus da UFT.

Estabelecer avaliação e/ou uma mesa de negociação visando ao acompanhamento e à criação de diretrizes sobre o Programa Mais Educação, visto que nas escolas dos municípios não está sendo feito acompanhamento das ações do formador/monitor, isto é, se ele tem graduação, a qual grupo está vinculado, a capacidade técnica e pedagógica para atuar como professor de capoeira nas instituições de ensino etc.

Desenvolver um plano de manejo da cabaça e da madeira, pau-peireira e guatambu, utilizados para confeccionar berimbau.



Algumas considerações

Há que se destacar alguns desafios desta pesquisa tais como:

- a) o fato de alguns capoeiristas dificultarem a realização da entrevista (boicote, cancelamento ou mesmo esquecimento do agendamento, etc.), fazendo com que nós pesquisadores perdêssemos muito tempo com as tentativas de diálogo, muitas vezes sem êxito, tendo como agravantes o curto tempo para a realização da pesquisa, o número reduzido de componentes da equipe de pesquisadoras de campo e a exígua disponibilidade de tempo de nós pesquisadores. Reafirmamos que o tempo destinado a sistematização, não foi suficiente para que o processo de maturação e análise dos dados acontecessem num processo dialógico. Apesar do curto tempo e consequentemente a sobrecarga de atividades, a equipe de pesquisadores, entregou os produtos dentro dos prazos estabelecidos, o que deixou a equipe extremamente exausta; e
- b) outro desafio enfrentado pela equipe de pesquisa foi a negação de informações por parte de alguns capoeiristas, a demora ou “boicote” na concessão de documentos (dados e informações), entre outros.

Os desafios expostos nos levam a crer, conforme mencionado nas recomendações para salvaguarda, na necessidade de estudos mais aprofundados, tanto em seus aspectos históricos e geográficos por meio de análises sobre a origem e desenvolvimento das práticas de capoeiragem quanto sobre seus aspectos sociais e antropológicos, construídos e reconstruídos por distintos atores sociais em distintas épocas na Região Sudeste do estado do Tocantins.



O uso do geoprocessamento foi essencial para a organização e análise dos dados, tendo em vista o principal objetivo da pesquisa, que foi o mapeamento. Os documentos cartográficos foram fundamentais para revelar a distribuição espacial dos agentes sociais e eventos relacionados à capoeira na área de estudo, auxiliando na compreensão dos processos geográficos e da territorialidade da capoeira na área de estudo.



Fontes orais

ALCÂNTARA, Leivyson Tolentino (Contramestre Leivyson). Entrevistadora Messias. Dianópolis: UFT-IPHAN-TO, 12 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

AQUINO, Arlindo Ferreira de. Entrevistadora Jesus. Conceição do Tocantins: UFT-IPHAN-TO, 15 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

CELESTINO, Antônio Rodrigues (Instrutor Cambotinha). Entrevistadoras Jesus e Messias. Almas: UFT-IPHAN-TO, 12 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste).

CERQUEIRA, Anderson Junior Alves (Graduado Marcha Lenta). Entrevistadores Messias e Jesus. Pindorama: UFT-IPHAN-TO, 19 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

COSTA, Marco Aurélio Martins (Mestrando Urso Polar). Entrevistadores Jesus e Barbosa. Arraias: UFT-IPHAN-TO, 24 jan. 2018. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

DIAS, Marco Antônio Ferreira (Monitor Nativo). Entrevistadora Messias e Jesus. Natividade: UFT-IPHAN-TO, 14 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.



FERREIRA, Jene Carlos Machado (Estagiário Índio). Entrevistadora Jesus. Aurora do Tocantins: UFT-IPHAN-TO, 4 nov.2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

FRANÇA, Fábio da Silva (Professor Bolim). Entrevistadores Jesus e Santana. Taguatinga: UFT-IPHAN-TO, 4 nov.2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

GUEDES, Fernando Raichel Ferreira. Depoimento [nov. 2017]. Entrevistadora Messias. Conceição do Tocantins: UFT-IPHAN-TO, 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

LIMA, Bruno Rafael Martins de (Graduado Bruno). Entrevistadores Santana e Barbosa. Paranã: UFT-IPHAN-TO, 4 dez. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

MARTINS, Fabiana Rodrigues (Formada Fabiana). Entrevistadores Messias e Santana. Taguatinga: UFT-IPHAN-TO, 4 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

MARTINS, Luiz Antônio Carvalho (Professor Jabuti). Entrevistadora Messias. Porto Nacional (TO): UFT-IPHAN-TO, 2 fev. 2018. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

MOURA, José Reginaldo Ferreira de (Mestre Fumaça). Entrevistadores Jesus e Barbosa. Arraias: UFT-IPHAN-TO, 25 jan. 2018. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

MOURA, Silvia Adriane Tavares de (Professora Silvinha Pena). Entrevistadora Jesus. Arraias: UFT-IPHAN-TO, 24 jan. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocan-



tins – Região Sudeste.

NASCIMENTO, Valdeçon Raimundo do (Graduado Baiano). Entrevistadores Messias e Santos. Palmeirópolis/TO: UFT-IPHAN-TO, 19 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

RODRIGUES, Jair de Brito (Mestrando Badoqui). Entrevistadores Santana e Jesus. Arraias: UFT-IPHAN-TO, 18 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

RIBEIRO, Jônatas Montalvão (Contramestre Caverna). Entrevistadora Jesus. Ponte Alta do Bom Jesus: UFT-IPHAN-TO, 12 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SANTANA, Márcio Rodrigues de (Aluno Marciano). Entrevistadores Jesus e Messias. Chapada da Natividade: UFT-IPHAN-TO, 13 dez. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SANTANA, Rogério Nunes de (Formado Elástico). Entrevistadores Messias e Santana. Taguatinga: UFT-IPHAN-TO, 3 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SANTOS, Andreia de Oliveira (Graduada Pena). Entrevistadora Messias. Taguatinga: UFT-IPHAN-TO, 4 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SANTOS, Dion Charles Silva dos. (Monitor Charles). Entrevistadoras Messias e Jesus. Taipas: UFT-IPHAN-TO, 15 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SANTOS, Euclides Farias dos (Professor Foca). Entrevistadoras Messias



e Jesus. Lavandeira: UFT-IPHAN-TO, 3 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SANTOS, Izauro Cezar Teixeira dos (Contramestre Cachorrão ou Azul). Entrevistadores Santana e Barbosa. Palmeirópolis: UFT-IPHAN-TO, 4 dez. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SANTOS, Jairon Pereira dos Santos (Monitor Branco). Entrevistadoras Messias e Jesus. Novo Jardim: UFT-IPHAN-TO, 12 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

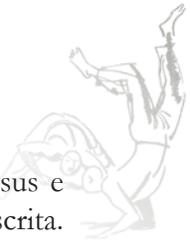
SANTOS, Márcio Rodrigues dos. (Instrutor Peterpan). Entrevistadores Santana e Barbosa. São Valério da Natividade: UFT-IPHAN-TO, 6 dez. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SANTOS, Renato Santana dos (Contramestre Alicate). Entrevistadora Messias. Ponte Alta do Bom Jesus: UFT-IPHAN-TO, 12 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SANTOS, Sebastião Cardoso dos (Contramestre Tião). Entrevistadora Jesus. Taguatinga: UFT-IPHAN-TO, 3 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SILVA, Juliano Ribeiro da (Contramestre Juliano). Entrevistadora Jesus. Dianópolis: UFT-IPHAN-TO, 12 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SILVA, Neidson Sérgio B. da (Professor Cokun). Entrevistadora Messias. Dianópolis: UFT-IPHAN-TO, 13 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.



SILVA, Nilton Sérgio da Silva (Mestre Geléia). Entrevistadores. Jesus e Barbosa. Arraias: UFT-IPHAN-TO, 18 dez. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

SOUSA, Pedro Pereira de; SOUSA, Mateus Pereira de Sousa (Instrutores Raio e Trovão). Entrevistadoras Messias e Jesus. Paranã: UFT-IPHAN-TO, 14 dez. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.

VIANA, Aldenor Lopes (Mestrando Dena). Entrevistadora Messias. Taguatinga: UFT-IPHAN-TO, 4 nov. 2017. Entrevista transcrita. Entrevista concedida ao Projeto Mapeamento da Capoeira no Tocantins – Região Sudeste.



Referências

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro, 2007.

CÂMARA, G.; MONTEIRO, A. V. M.; DRUCK, S.; CARVALHO, M. S.; (Eds.). **Análise Espacial de Dados Geográficos**. Brasília, EMBRAPA, 2004. Disponível em:< <http://www.dpi.inpe.br/gilberto/livro/analise/>> Acesso: 04/01/2018, às 22h14

FICO, Carlos. Otimismo e pessimismo no Brasil. In: _____. **Reinventado o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **ANTARES**, n.º. 3 jan/jun 2010. Disponível em: <http://www.geografia.ffch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Gloria/1s2017/haesbaert.pdf> Acesso em:04/01/2018 às 23h13

IBGE. Projeto SIGPS Coordenação de Geodésia – CGED RELATÓRIO CENTRO DE PROCESSAMENTO SIRGAS - IBGE Março de 2010. Disponível em:<ftp://geofp.ibge.gov.br/informacoes_sobre_posicionamento_geodesico/sirgas/relatorio/relatorio_2009_centro_de_processamento_sirgas_ibge.pdf>. Acesso em 04/01/2018, às 22h12

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGECIDADES, 2018. Disponível em:< <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/taipas-do-tocantins/panorama>> Último acesso em: 30/04/2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Geociências**. Cartas e mapas. Malhas municipais, 2018. Disponível em:< <https://down>



loads.ibge.gov.br/downloads_geociencias.htm> Último acesso em: 30/04/2018.

IPHAN. **Inventário para Registro de Salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural do Brasil**. MinC/IPHAN, 2007.

IPHAN. **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira**. Brasília: Iphan, 2014.

INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS- INRC, **Manual de Aplicação**. MinC/IPHAN, 2000.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

MESSIAS, Noeci Carvalho. **Religiosidade e devoção**: as festas do Divino e do Rosário em Monte do Carmo e em Natividade, TO. Tese (Doutorado em História). Goiânia: UFG, 2010.

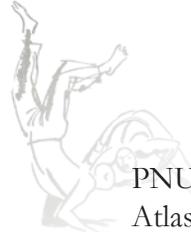
MESSIAS, Noeci C. & Outros. **Relatório Final**: I Etapa - Mapeamento da Capoeira no Tocantins - Região Sudeste. Arraias, TO: IPHAN/UFT, 2018.

MIRANDA, E. E. de; (Coord.). **Brasil em Relevô**. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2005. Disponível em: <<http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br>>. Acesso em: 08 Mai. 2018.

MOURA, Silvia Adriane Tavares. **Nas Palmas da Capoeira**: resistência cultural pela Chapada dos Negros, em Arraias/TO. Goiânia: Kelps, 2017.

ORTIZ, Renato. Memória Coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX. In: **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEDREIRA, A. C. SILVA NETO, A. A. da. MENESTRINO, E. NO-LASCO, G. B. S. PINTO JPUNIOR, J. C. de O. ZIMMERMANN, M. A. C. ARAÚJO. R.G. de. **Arqueologia e Patrimônio**: Um olhar sobre a história e a cultura dos municípios de Peixe, Arraias, Paranã e Taguatinga, no Estado do Tocantins. Palmas: Exata Copiadora, 2012.



PNUD, 2013. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento / Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013. Disponível em: < <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>> Acesso em: 26/04/2018.

SEAGRO-TO. Clima no Tocantins. **Informações Gerais do Estado** – Climatologia. Secretaria da Agricultura e Pecuária – GOVERNO DO ESTADO DO TOCANTINS. Disponível em:< <https://seagro.to.gov.br/clima-no-tocantins/>>. Último acesso em: 29/04/2018

SEDEN-TO. **Almanaque Tocantins de Cultura**. Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia, turismo e Cultura – GOVERNO DO ESTADO DO TOCANTINS. Ano 2 n° 09, agosto de 2000. Palmas, TO. Disponível em: <<https://seden.to.gov.br/desenvolvimento-da-cultura/calendario-cultural-/>> Último acesso em: 29/04/2018.

IPHAN. OFÍCIO CIRCULAR, aos membros dos Comitê Gestor da Capoeira do Tocantins, n° 15/2017. Palmas, TO, 2017.

SEPLAN-TO. **Perfil socioeconômico dos municípios**. Secretaria do Planejamento e Orçamento. Diretoria de Pesquisa e Informações Econômicas. Palmas – TO (2017). Disponível em:< <https://seplan.to.gov.br/estatistica/perfil-socioeconomico/versao-2017/>> Acesso em: 29/04/2018.

SILVA, L. A. G. C. BIOMAS PRESENTES NO ESTADO DO TOCANTINS. Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados Centro de Documentação e Informação Coordenação de Biblioteca <http://bd.camara.gov.br>. 2007. Disponível em:< <http://www.terrabrasilis.org.br/ecotecadigital/images/abook/pdf/1sem2015/Passivo/biomastocantins.pdf>> Último acesso em: 29/04/2018.

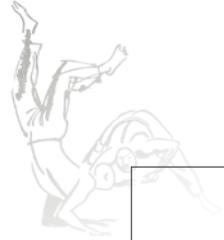
VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

Biografias

José Reginaldo Ferreira de Moura - *Mestre Fumaça*



Nasceu no Sítio das Freias, município de Arraias (TO), em 08 de dezembro de 1962. Teve seu primeiro contato com a capoeira em Brasília (DF), aos 15 anos de idade. Durante a realização de uma prova no Serviço Social do Comércio (SESC) foi de encontro ao som de um berimbau que ouvia distante, ao chegar na roda um capoeirista, que viria a ser seu mestre, tocava o que hoje identifica como São Bento de Angola. Tornou-se aluno de Mestre Barto e desse dia em diante a capoeira nunca mais saiu de sua vida. Em 2007 foi um dos vencedores da 7ª edição do Prêmio Itaú-Unicef. Atualmente vive em Arraias e coordena o grupo de capoeira Associação Cultural Chapada dos Negros.



Nilton Sérgio da Silva
- *Mestre Geléia*

Nasceu em Caruaru (PE) em 31 de julho de 1970. Teve sua iniciação na capoeira em sua cidade natal, com discípulos de um mestre de São Paulo que foram de férias para a cidade. Um dos discípulos foi o Mestre Pintado, que ficou em Caruaru e se tornou seu mestre. Formou-se como professor de capoeira em 1987 e, cinco anos depois, convidado para formar uma banda musical, se mudou para Arraias (TO). Em 1994 formou o grupo Balé Capoeira Brasil, atuando em Arraias e Dianópolis. Mestre Geléia se filiou à Academia Tambor Capoeira em 1997, deixando a coordenação do grupo que fundou. Em 2000 vai para Dianópolis-TO, onde cria o Centro de Arte Cultural, com objetivo de ser um laboratório de pesquisa e acervo cultural, ficando na cidade até 2015, quando volta para Arraias.





Este livro foi composto em Garamond 12 (texto)
Frutiger LT Std 14 (títulos) pela Conteúdo, selo da Nagô EELL,
para Superintendência Regional do Iphan no Tocantins.

Apoio:



Realização:



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Múltipla em suas dimensões, a capoeira se firma quase sempre por sua face cultural sem perder de vista seus aspectos musicais e rituais fortemente ligada ao esporte, à luta, a dança e à ginástica corporal. A capoeira deixa uma marca indelével devida à capacidade de reunir em seu bojo, a música e os instrumentos que ela pede para sua apresentação; a dança ora rasteira e faceira da Capoeira Angola, ora pujante e ligeira da Capoeira Regional; os golpes vigorosos e cheios de força e o jogo comandado pelas mãos e olhares atentos do outro. Importa destacar que cada vertente, mestre ou grupo sempre acrescenta um elemento que dá enlevo à capoeira.